



PROPOSTA PARA UMA
CIDADE UNIVERSITÁRIA
EM SÃO JOSÉ, SC

Trabalho de Conclusão de Curso

Filipe Souza Chaves | 2020.1

Orientador: Prof. Maíra Longhinotti Felippe

Coorientador: Prof. Renato Saboya

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. DA CIDADE	5
2.1. GRANDE FLORIANÓPOLIS	
2.2. SÃO JOSÉ	6
3. DO LOCAL	8
3.1. O BAIRRO E SEU ENTORNO	
3.2. O MEIO AMBIENTE	9
4. DAS UNIVERSIDADES	10
4.1. OS MODELOS DE UNIVERSIDADES E AS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS	
4.2. SISTEMA DE TRÊS CICLOS	11
4.3. CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ (USJ)	
5. PROPOSTA	12
5.1. PROBLEMÁTICAS	
5.2. A ÁREA DA PROPOSTA	13
5.3. ÁREAS PRESERVADAS	
5.4. MOBILIDADE	
5.5. O SISTEMA ACADÊMICO E O URBANISMO	17
5.6. OS CICLOS APLICADOS NO PLANEJAMENTO URBANO	18
5.7. QUADRAS: A CIDADE PLURAL	20
5.8. CAMPUS: A CIDADE SIMULADA	21
5.9. AUTONOMIA DO ESTUDANTE	24
5.10. INTEGRAÇÃO	25
6. REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é propor a ocupação de uma área em São José, Santa Catarina, com um campus universitário, com a setorização do território e a integração com o meio ambiente e a cidade já existente ao redor.

A ideia surge de inquietações relacionadas ao funcionamento das universidades, tanto no sentido urbano quanto no sentido acadêmico. Essas instituições adquiriram características diversas ao longo dos anos: alguns consideram-nas elitistas; outros veem nas universidades a oportunidade de ascensão social através das profissões e do meio acadêmico; outros ainda colocam o conhecimento gerado como essencial ao desenvolvimento do país; há quem considere, porém, que as universidades não tem atingido os objetivos de democratizar o saber e devolver, em forma de benefícios, os acúmulos do conhecimento para a sociedade - o que acarreta algumas das principais críticas.

Porém, muitas das críticas vem do fato de que as universidades são um espaço plural e democrático, de muitos, múltiplos e as vezes até antagônicos pensamentos, e, historicamente, entram em conflito com quem não consegue lidar com indagações, com questionamentos, com o diferente. Nesse sentido, quanto mais universidades, melhor.

PROPOSTA

Este trabalho se propõe como um exercício de imaginação, propondo alguns tipos de uso para um vazío urbano levando em conta as características da área ao redor, da cidade como um todo e do próprio equipamento em si. É menos uma proposta detalhada - até pelo tamanho, seria difícil conduzir no Trabalho de Conclusão de Curso - e mais um estudo de viabilidade e resolução das problemáticas.

Muitas das ideias apresentadas neste caderno já existem ou existiram de formas diferentes. A proposta converge algumas destas diversas ideias e tenta trazer, em um desenho urbano, algumas das soluções para os problemas vistos na região do terreno e nas universidades. É claro que urbanismo não vai, sozinho, resolver os problemas - uma das características apresentadas na proposta é justamente a interdisciplinaridade - mas pode ajudar. Para chegar ao resultado, a pesquisa por soluções e caminhos explorou a história das universidades, de São José e da educação.

Por mais que a proposta não vá ser construída de fato, as ideias que nortearam esse caderno continuam vivas.

CIDADE UNIVERSITÁRIA

O termo mais usado para as áreas das universidades é *campus* - latim para campo, pois algumas universidades antigas nos Estados Unidos se instalavam longe das cidades, em grandes áreas verdes. Os Estados Unidos estabeleceram vários dos nossos padrões acadêmicos, incluindo aí o seu tipo de campus, o chamado campus-parque, o campus americano, diferente das universidades europeias mais antigas que eram em meio as cidades. Logo, campus perdeu seu significado e hoje serve para universidades de tamanhos distintos indo desde um prédio a um bairro.

Outro termo muito usado para as áreas de campus é *Cidade Universitária* - usado no planejamento de grandes campus com o objetivo de criar novas instituições ou unificar faculdades isoladas. Entretanto, os campus no Brasil não costumam apresentar algumas das características mais marcantes das cidades, como usos para além dos serviços oferecidos - mesmo a habitação não parece ter relevância no desenho urbano das universidades. A proposta quer fazer da região pretendida uma cidade de fato, inserida na cidade existente e interagindo com ela, indo além dos usos tradicionais do campus.

SÃO JOSÉ

Vizinha de Florianópolis, São José carrega o bônus e o ônus da proximidade com a capital catarinense. O desenvolvimento da faixa central do município, onde se insere a proposta, está ligado ao crescimento da Grande Florianópolis e a urbanização iniciada na metade do século passado. Junto com ela, problemas relacionados ao meio ambiente, ao trânsito e a dependência da capital - o movimento pendular diário em direção a ilha é o mais visível.

Na proposta, a cidade universitária trás um pacote de equipamentos urbanos e possibilidades que antes eram restritas as partes centrais da ilha, numa tentativa de equilibrar um pouco este "pêndulo" e criar uma nova centralidade atrativa no continente, no qual os bairros do entorno, que se desenvolvem sem um plano unificador, poderiam ter um coração.

Para além da necessidade, também seria simbólica a manutenção e recuperação do rio que corre no terreno, visto que os cursos d'água são, em geral, considerados um problema ou uma restrição ao avanço urbano - o rio foi justamente o que impediu esta área de ser loteada, como foi o seu entorno.

2. DA CIDADE

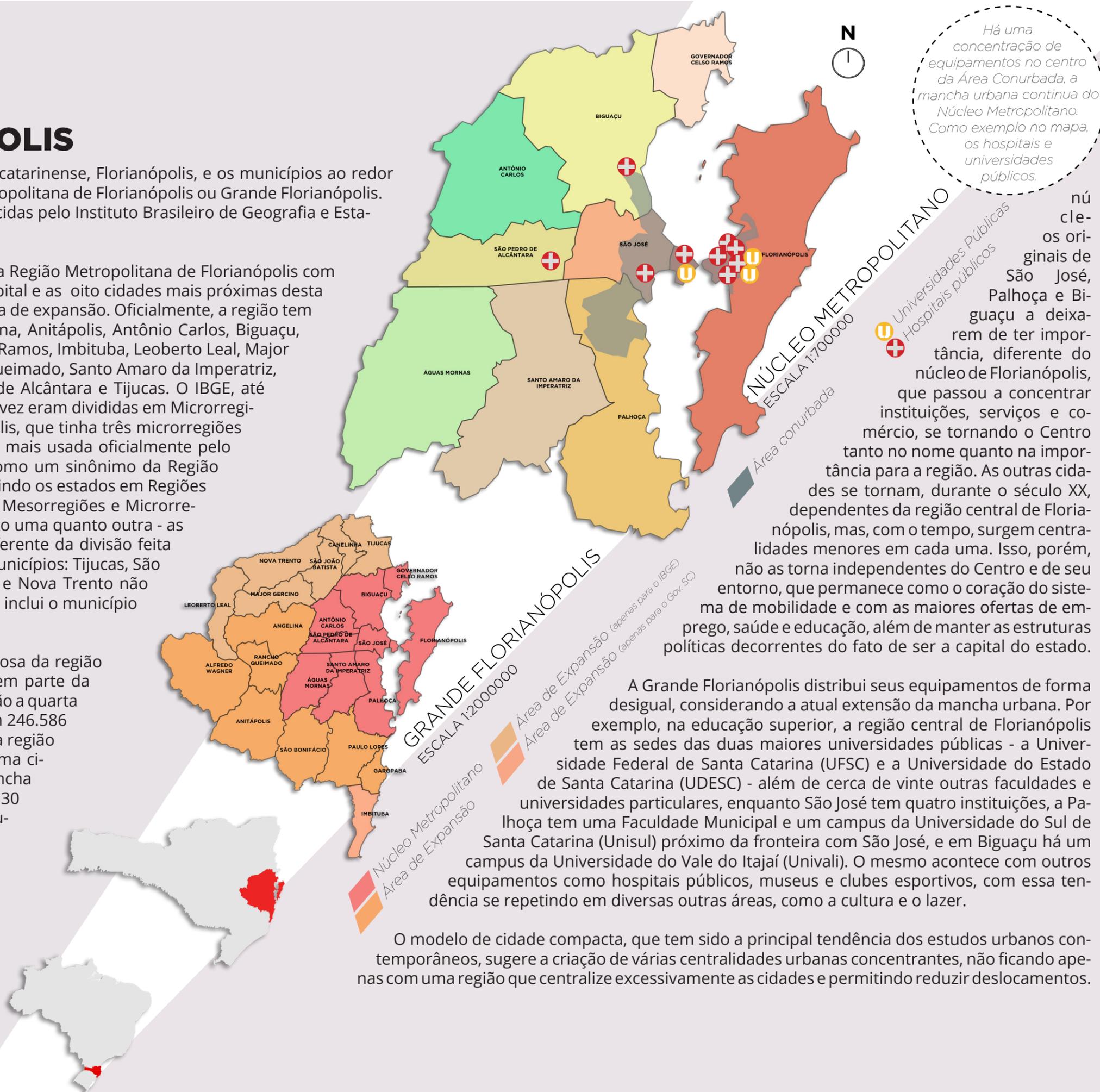
2.1. GRANDE FLORIANÓPOLIS

A região de Santa Catarina do qual faz parte a capital catarinense, Florianópolis, e os municípios ao redor dela - e onde fica a proposta - é a chamada Região Metropolitana de Florianópolis ou Grande Florianópolis. Existem duas definições oficiais dessa região, estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Governo de Santa Catarina.

A Lei Complementar Estadual nº 495, de 2010, definiu a Região Metropolitana de Florianópolis com nove cidades no chamado núcleo metropolitano - a capital e as oito cidades mais próximas desta - e mais treze cidades que fazem parte da chamada área de expansão. Oficialmente, a região tem 22 municípios: Águas Mornas, Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Biguaçu, Canelinha, Florianópolis, Garopaba, Governador Celso Ramos, Imbituba, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Palhoça, Paulo Lopes, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, São João Batista, São José, São Pedro de Alcântara e Tijucas. O IBGE, até 2017, dividia os estados em Mesorregiões, que por sua vez eram divididas em Microrregiões. A mesorregião da capital era a Grande Florianópolis, que tinha três microrregiões - Florianópolis, Tijucas e Tabuleiro. Essa divisão não é mais usada oficialmente pelo IBGE, mas o nome *Grande Florianópolis* permanece como um sinônimo da Região Metropolitana, com a nova divisão feita pelo IBGE dividindo os estados em Regiões Intermediárias e Regiões Imediatas - equivalentes das Mesorregiões e Microrregiões, respectivamente. A "Grande Florianópolis" é tanto uma quanto outra - as antigas microrregiões deixaram de existir - porém, diferente da divisão feita pelo estado de Santa Catarina, ela é formada por 17 municípios: Tijucas, São João Batista, Leoberto Leal, Canelinha, Major Gercino e Nova Trento não fazem parte da região nesta classificação, que também inclui o município de Imbituba.

Florianópolis, a capital, é também a cidade mais populosa da região e a segunda do estado, com 508.826 habitantes. Fazem parte da Grande Florianópolis também São José e Palhoça, que são a quarta e a décima maiores populações de Santa Catarina, com 246.586 e 171.797 habitantes. As três são as maiores cidades da região e estão conurbadas - além delas, ainda há Biguaçu, uma cidade de 68.481 habitantes, formando uma única mancha urbana. Apenas três cidades além dessas passam de 30 mil habitantes, todas da área expandida: Imbituba, Tijucas e São João Batista, todas nas bordas da região - o que explica a inclusão ou não delas nas classificações catarinense e do IBGE.

A ocupação da região pelos colonizadores europeus e bandeirantes começa no atual Centro de Florianópolis, e outros núcleos colonizadores surgem em vários pontos da ilha de Santa Catarina e nas outras três grandes cidades atuais. As transformações urbanas vindas com o passar dos anos levam os



O modelo de cidade compacta, que tem sido a principal tendência dos estudos urbanos contemporâneos, sugere a criação de várias centralidades urbanas concentrantes, não ficando apenas com uma região que centralize excessivamente as cidades e permitindo reduzir deslocamentos.

A Grande Florianópolis distribui seus equipamentos de forma desigual, considerando a atual extensão da mancha urbana. Por exemplo, na educação superior, a região central de Florianópolis tem as sedes das duas maiores universidades públicas - a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - além de cerca de vinte outras faculdades e universidades particulares, enquanto São José tem quatro instituições, a Palhoça tem uma Faculdade Municipal e um campus da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) próximo da fronteira com São José, e em Biguaçu há um campus da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). O mesmo acontece com outros equipamentos como hospitais públicos, museus e clubes esportivos, com essa tendência se repetindo em diversas outras áreas, como a cultura e o lazer.

2. DA CIDADE

2.2. SÃO JOSÉ



São José é uma das cidades da Grande Florianópolis, sendo a segunda cidade mais populosa da Região Metropolitana e a quarta do estado de Santa Catarina, depois de Joinville, Florianópolis e Blumenau – tendo mais habitantes que centros regionais como Criciúma e Chapecó. Segundo estimativa do IBGE, 246.586 pessoas viviam em São José em 2019.

A cidade é dividida em três distritos – o distrito do Centro Histórico ou São José fica na porção centro-sul, o norte é o distrito de Barreiros, e os dois bairros mais verticalizados, ao leste, Campinas e Kobrasol, formam o distrito-sede ou Campinas.

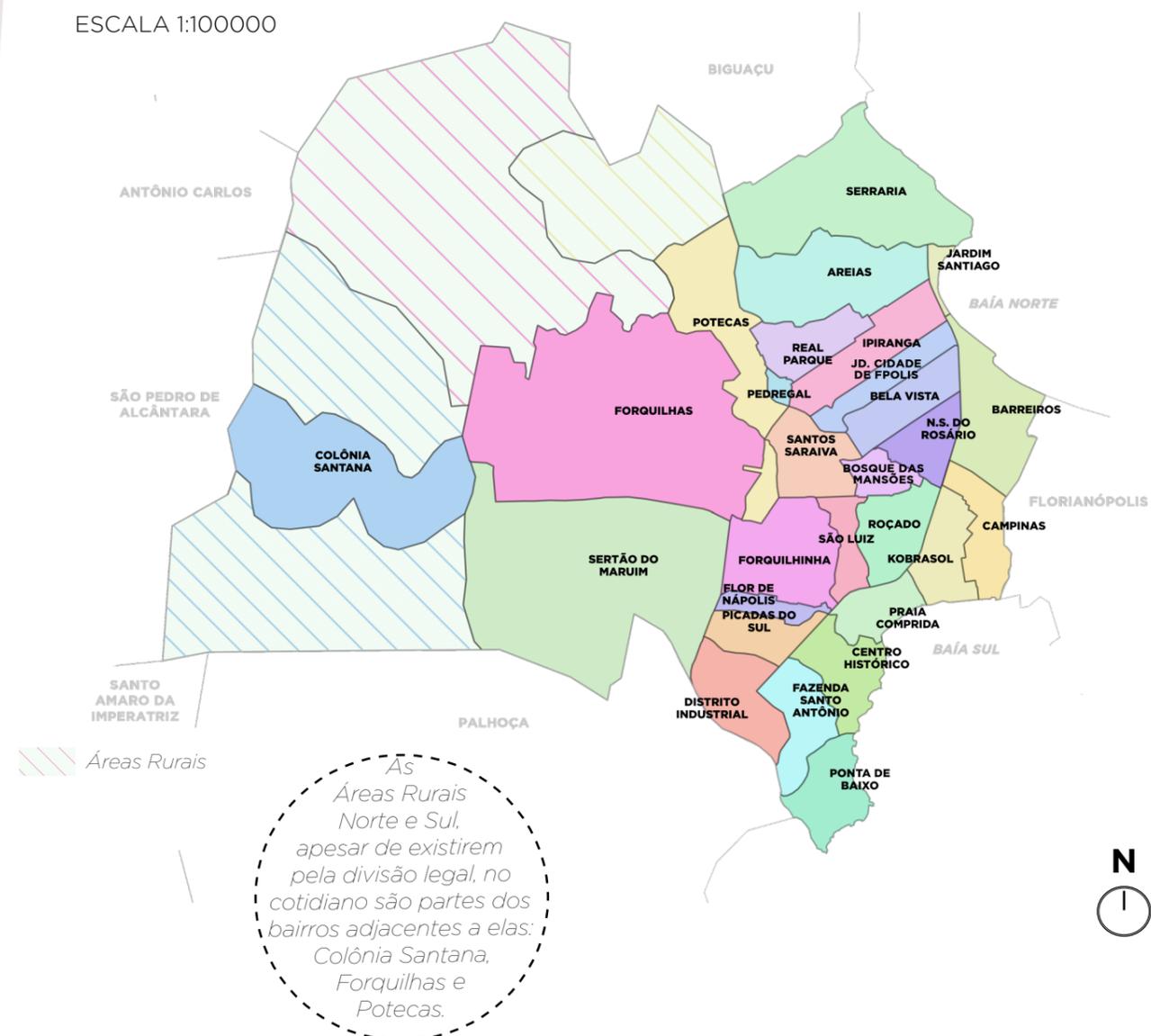
Historicamente, a cidade foi sendo ocupada a partir do litoral, tendo uma grande densidade populacional em sua faixa leste, próximo ao mar e a parte continental de Florianópolis, e no entorno da BR-101, rodovia federal que atravessa o leste da cidade. Essa densidade é também marcada por uma divisão física, um conjunto de morros pequenos que separa o vale do rio Maruim dos rios menores do leste da cidade. Outros morros maiores ficam no extremo oeste, incluindo a Pedra Branca, ponto mais alto da cidade. Essa configuração formou três faixas de ocupação: enquanto os morros do extremo oeste estão relativamente preservados e há pouca ocupação urbana, a faixa litorânea já está bastante ocupada, enquanto uma faixa intermediária está sendo ocupada nas últimas décadas. Esta faixa central é formada principalmente pelo vale do rio Forqui-

lhas, que faz parte do vale do Maruim - o rio Maruim, que corre na parte sul de São José, vindo de São Pedro de Alcântara, é o maior rio da cidade, servindo de divisa com a Palhoça no seu trecho final. A região do vale do Maruim, em especial Colônia Santana, Potecas, Sertão do Maruim e Forquilhas, tem uma urbanização menos desenvolvida, ainda possuindo áreas rurais e com florestas, porém suas zonas urbanizadas estão em crescente expansão, especialmente nos últimos trinta anos. Sua população é composta principalmente de descendentes de açorianos e alemães e migrantes de outras partes de Santa Catarina, como do Oeste e Serra, e de outros estados como o Rio Grande do Sul. O IDH da cidade, de 0,809, está acima do índice brasileiro, e coloca a cidade como a 19ª do Brasil no ranking de desenvolvimento humano.

Por muito tempo, São José e suas vizinhas imediatas Palhoça e Biguaçu foram consideradas cidades-dormitório de Florianópolis, abrigando uma população que realizava suas atividades na capital, sendo assim uma espécie de subúrbio da região central florianopolitana. Isso ainda se reflete na movimentação pendular diária, com muitos moradores da cidade indo e voltando da Ilha de Santa Catarina, onde ficam trabalho, comércio, escolas, universidades, entre outros. Na atualidade, sua economia é baseada em serviços e indústria, tendo centralidades locais desenvolvidas e um parque industrial considerável, mas a movimentação pendular – somada a dos municípios vizinhos, visto que o único acesso terrestre a Flória-

DIVISÃO DE BAIRROS

ESCALA 1:100000



2. DA CIDADE

nópolis é por São José – é visível nos horários de pico, com congestionamentos diários, visto que, mesmo com seu desenvolvimento próprio, muitos equipamentos e serviços como os órgãos de governo estadual e as universidades públicas ficam apenas na capital e a população segue crescendo.

No campo educacional, a cidade conta com uma rede de escolas municipais, algumas escolas estaduais e um bom número de escolas particulares. Já no ensino superior, a cidade conta com alguns campi, geralmente prédios isolados, espalhados de forma irregular: a Estácio de Sá, em Barreiros, fica em meio a cidade, assim como uma unidade da Rede de Ensino Anhanguera no bairro Picadas do Sul e duas faculdades menores em Campinas e no bairro Jardim Cidade de Florianópolis. Há ainda um campus do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) na Praia Comprida.

A Universidade do Vale do Itajaí, a Univali, construiu um campus no Sertão do Maruim, entretanto este permaneceu abandonado por anos e, sob ameaça do município retomar a área judicialmente, visto que a cidade doou o terreno com o objetivo de ter nele a universidade e isso não se cumpriu, a Univali reabriu o campus com alguns cursos – outros, entretanto, ficam no Kobrasol. O abandono se deveu a distância, ao local, que na época praticamente não tinha construções próximas, e ao acesso, que teria afastado os estudantes. Nesse período, cogitou-se a transferência do Centro Universitário Municipal de São José (USJ), a única opção pública de ensino superior da cidade além do IFSC, para o local, mas o USJ continua até hoje em sua sede provisória, o Colégio Municipal Maria Luiza de Melo no Kobrasol. Muitos estudantes de São José estudam em outros bairros ou outras cidades por falta de uma opção mais próxima.

Na saúde, a cidade conta com um grande hospital público, o Hospital Regional de São José Doutor Homero de Miranda Gomes, que atende toda a Grande Florianópolis. Entretanto, ele já está saturando, mesmo

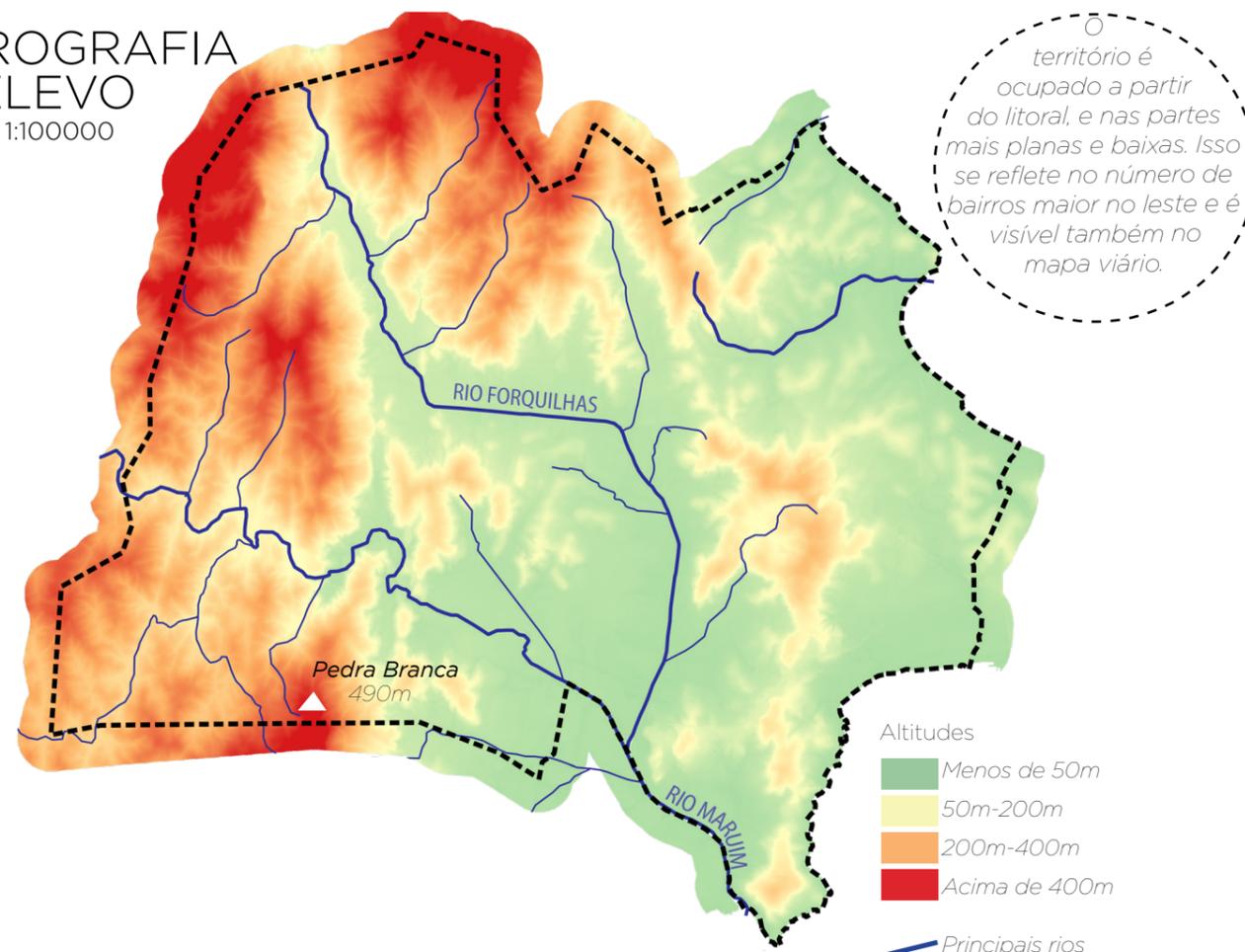
com as recentes policlínicas e unidades de pronto atendimento feitas na região metropolitana tendo ajudado a suprir parte da demanda. Problemas nos hospitais de Florianópolis como o Universitário e o Governador Celso Ramos tem piorado a situação. A distribuição de unidades básicas e policlínicas é satisfatória, mas o atendimento nem sempre é rápido, com a cidade sofrendo dos mesmos problemas que outras no país.

Um destaque da cidade é o esporte, que recentemente tem recebido um maior incentivo público e conseguido bons resultados nos Jogos Abertos e em competições nacionais em várias modalidades como Judô, Atletismo e Ciclismo. A cidade teve no passado uma equipe de vôlei e uma de futebol feminino, mas ambas encerraram por falta de apoio e/ou patrocínio. Um time de futebol americano, o São José Istepôs, é sediado na cidade.

A cidade tem um Plano Diretor vigente datado de 1985, que sofre alterações de atualização conforme certas necessidades ou interesses. Com a necessidade legal de atualização geral, um novo plano está sendo feito há anos, mas o processo ainda está tramitando. Esse novo plano, chamado pela prefeitura de Plano Diretor Participativo, foi feito com participação popular e de diversas entidades, e muitos estudos foram realizados para chegar ao resultado preliminar, onde está agora. Nele, constam, por exemplo, novas vias estruturantes para a cidade, área de interesse social, locais para área de lazer e parques e tendências de ocupação e verticalização. A tendência de avanço da zona urbana para o oeste está presente, não apenas na projeção de longo prazo do Plano Diretor Participativo, mas também em outros estudos como um realizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para Florianópolis. Entretanto, o modelo do BID apresenta a ocupação crescendo no ritmo atual, descontrolado, enquanto a projeção do Plano Diretor coloca eixos estruturantes ligando os bairros do interior de São José e evitando a ocupação das várzeas dos rios, visto que o plano serve de diretriz.

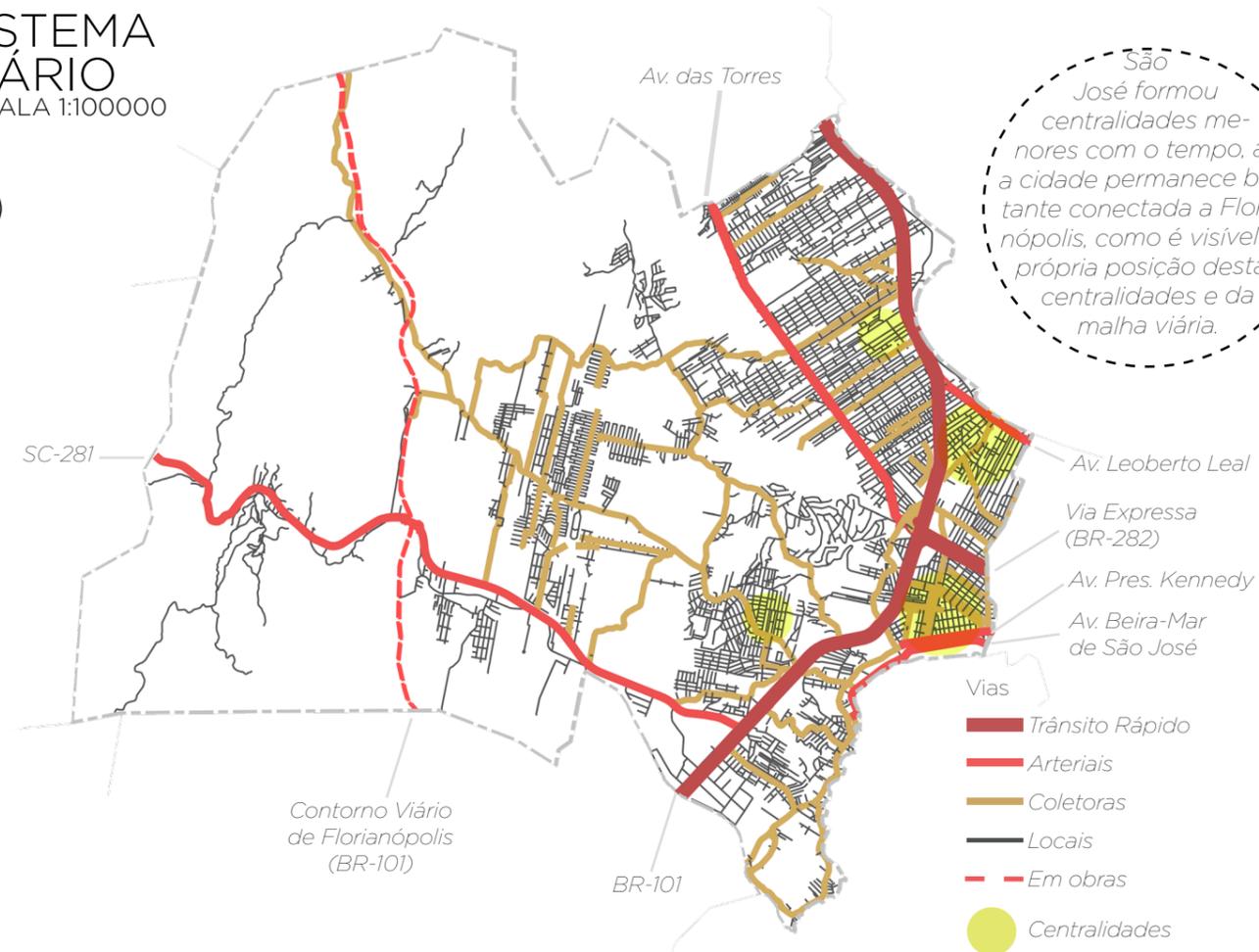
HIDROGRAFIA E RELEVO

ESCALA 1:100000



SISTEMA VIÁRIO

ESCALA 1:100000



3. DO LOCAL

3.1. O BAIRRO E SEU ENTORNO

Forquilhas é um bairro situado no interior do município de São José, no centro-oeste do território. A área da proposta fica ao leste do bairro, na divisa com Potecas.

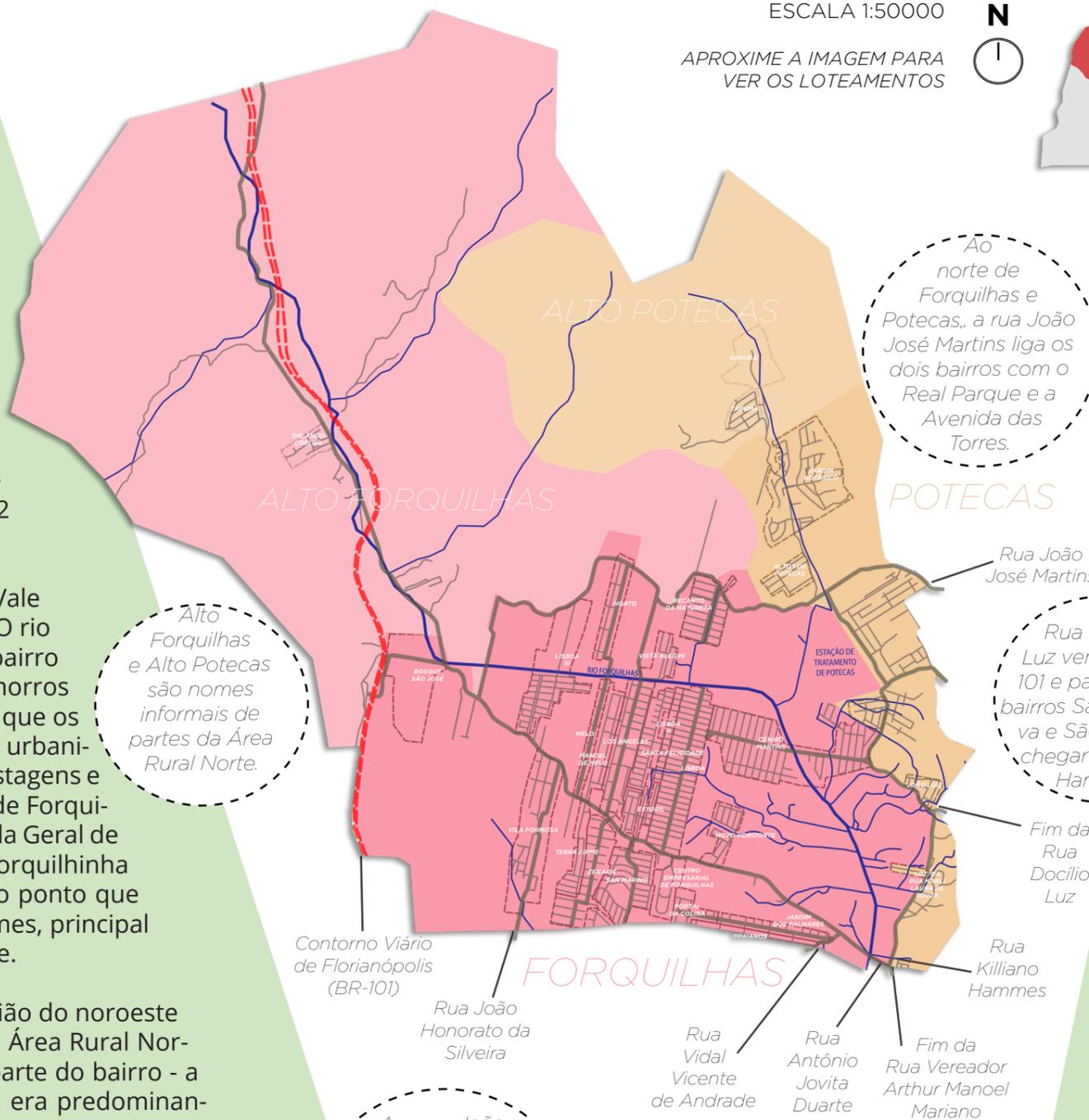
Segundo dados do IBGE, Forquilhas é o terceiro mais populoso da cidade, tendo uma estimativa de 16.796 pessoas em 2010, o que equivalia a 8% da população municipal na época, sendo que, com o avanço urbano da última década, não é improvável que esses números sejam ainda maiores - caso as porcentagens se mantivessem como em 2010, Forquilhas teria hoje por volta de 22 mil habitantes.

Geograficamente, Forquilhas é formado por um vale, o Vale do Rio Forquilhas, onde corre o rio que nomeia o bairro. O rio Forquilhas é afluente do rio Maruim, e portanto todo o bairro faz parte, por consequência, do vale do Maruim. Alguns morros que cercam o vale também fazem parte do bairro, sendo que os maiores são ainda cobertos de florestas. Além das partes urbanizadas, o bairro tem aspecto rural, alternando lavouras, pastagens e matas que resistiram ao avanço humano. A via principal de Forquilhas a Rua Antônio Jovita Duarte, também chamada Estrada Geral de Forquilhas, liga as diferentes partes do bairro, indo de Forquilha até a fronteira municipal com Antônio Carlos. Do mesmo ponto que sai a via para Forquilhas, sai também a Rua Killiano Hammes, principal via de Potecas, que é o limite do bairro Forquilhas ao leste.

A lei municipal e alguns mapas oficiais não colocam a região do noroeste de Forquilhas como parte do bairro e sim como parte da Área Rural Norte, mesmo que, para fins práticos, ela seja considerada parte do bairro - a população chama a região de Alto Forquilhas. Essa área era predominantemente rural até recentemente, e o Contorno Viário da BR-101 está sendo construído na região. O plano diretor vigente a coloca como predominantemente residencial, o que levou ao surgimento dos primeiros loteamentos recentemente. Para além das fazendas e pequenos povoados, a região mais plana está localizada entre montanhas relativamente preservadas. Uma delas conta com uma pedreira, e na região também ficava o antigo lixão do município - usos como estes, normalmente colocados em partes distantes da cidade, demonstram o isolamento que havia e ainda há.

A região que poderia ser chamada de Médio Forquilhas é o centro urbano de bairro, com a presença de cerca de vinte loteamentos de origem, tamanho e tempo de ocupação variados. Os primeiros loteamentos datam dos anos 1970, como o Los An-

ESCALA 1:50000
APROXIME A IMAGEM PARA
VER OS LOTEAMENTOS



Alto Forquilhas e Alto Potecas são nomes informais de partes da Área Rural Norte.

Ào norte de Forquilhas e Potecas, a rua João José Martins liga os dois bairros com o Real Parque e a Avenida das Torres.

A Rua Docílio Luz vem da BR-101 e passa pelos bairros Santos Sarai-va e São Luis até chegar a Killiano Hammes.

As ruas João Honorato da Silveira, na Vila Formosa, e Vidal Vicente de Andrade, no Rodeio, ligam Forquilhas ao Sertão do Maruim e a SC-281.

As principais ruas de Forquilhas e Potecas partem do mesmo ponto, a Rua Vereador Arthur Manoel Mariano, principal rua de Forquilha, que é o principal acesso aos dois bairros: a Antônio Jovita Duarte vai ao oeste e a Killiano Hammes, ao norte.

geles e a Vila Formosa, e depois dos anos 1990 surgiram com mais frequência, como o Lisboa, o Santa Felicidade, o San Marino e o Terra Firme, alguns dos maiores. Os moradores pouco usam o nome do bairro para se referir a onde moram, preferindo usar o de cada loteamento. A maior parte deles tem conexão através da pela Rua Antônio Jovita Duarte, mas, exceto esta, eles possuem poucas conexões entre si. Eles variam também nas técnicas construtivas - existem alguns com casas de alvenaria mais consolidadas, outros, mais novos, com sobrados e predominância de casas geminadas, e outros ainda com comunidades antigas menos abastadas. Apesar do comércio local ser forte e atender a maior parte das demandas locais, não há, por exemplo, uma agência bancária. A infraestrutura pública tem chegado aos poucos, e escolas e centros de saúde foram construídos nos últimos 20 anos. Apesar do rio não ter atenção de nenhuma das três áreas, curiosamente esta região urbanizada é a que a mata ciliar do rio Forquilhas está mais preservada. O mesmo não pode ser dito dos afluentes do rio, que, em geral, passam no meio dos loteamentos e são negligenciados, quando não foram canalizados.

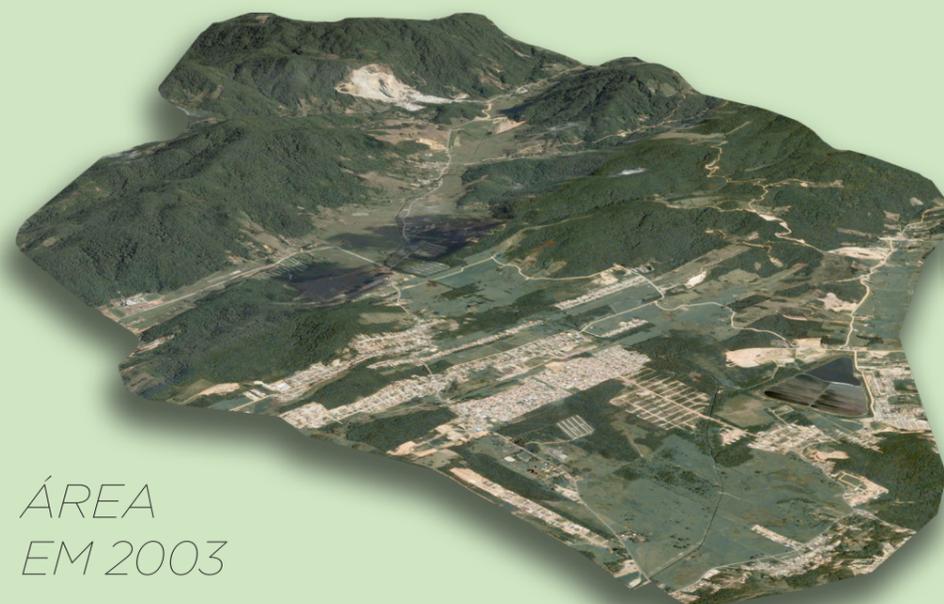
A parte mais a leste de Forquilhas é a mais próxima da mancha urbana contínua

3. DO LOCAL

da Grande Florianópolis, entretanto, ainda é pouco urbanizada. Essa região, que pode ser chamada de Baixo Forquilhas, é formada por duas partes: ao sul da Rua Antônio Jovita Duarte, onde fica o CTG Os Praianos, motivo pelo qual toda a área é chamada de Rodeio, tem apresentado a mesma urbanização intermitente do Médio Forquilhas – apesar dos loteamentos das duas regiões não se conectarem. Já a parte ao norte da Antônio Jovita Duarte é formada por um conjunto de fazendas de pecuária extensiva – onde os bovinos vivem livres no pasto. O rio Forquilhas atravessa ambas as áreas, estando retificado e sem matas ciliares. Essa área não foi ocupada ainda pelos loteamentos devido ao risco de inundações, entretanto, a tendência é pela ocupação urbana. As enchentes do rio Forquilhas são relativamente comuns, acontecendo durante períodos de chuva mais intensa, e algumas inundações aconteceram ao longo dos anos, apesar dos bairros vizinhos de Forquilha, Flor de Nápolis e Picadas do Sul serem mais atingidos. A negligência no cuidado com o rio e seus afluentes acaba levando a esse cenário.

Potecas, o vizinho imediato de Forquilhas a leste, é um bairro que fica entre os grandes

bairros do interior e a porção urbanizada ao leste. Com 5.724 moradores em 2010, era bem menor que Forquilhas, mas assim como este, tem ocupado rapidamente suas áreas ociosas com loteamentos. Sua porção maior e mais ocupada tem conexão com o bairro vizinho do Real Parque - pelo qual se tem acesso rápido a Avenida das Torres, via estruturante do norte josefense - e o com o Loteamento Ceniro Martins, de Forquilhas. Como a lei josefense que estabelece as divisas não acompanha as dinâmicas dos território, acontecem alguns fatos curiosos, como o fato da Estação de Tratamento de Esgoto da Casan (ETE Potecas), que recebe a maior parte do esgoto da parte continental da Grande Florianópolis, e do Motódromo Marronzinho, que recebe campeonatos esportivos com frequência, ficarem oficialmente em Forquilhas, mas serem associados a Potecas. No bairro também fica o Jardim Botânico de São José, feito em um loteamento homônimo. A área onde foi construído o lotamento Jardim Botânico e sua vizinhança, o Alto Potecas - que assim como o seu equivalente de Forquilhas, é parte da Área Rural Norte e não oficialmente de Potecas - tem sido o principal alvo do crescimento urbano do bairro.



ÁREA EM 2003



ÁREA EM 2020

3.2. O MEIO AMBIENTE

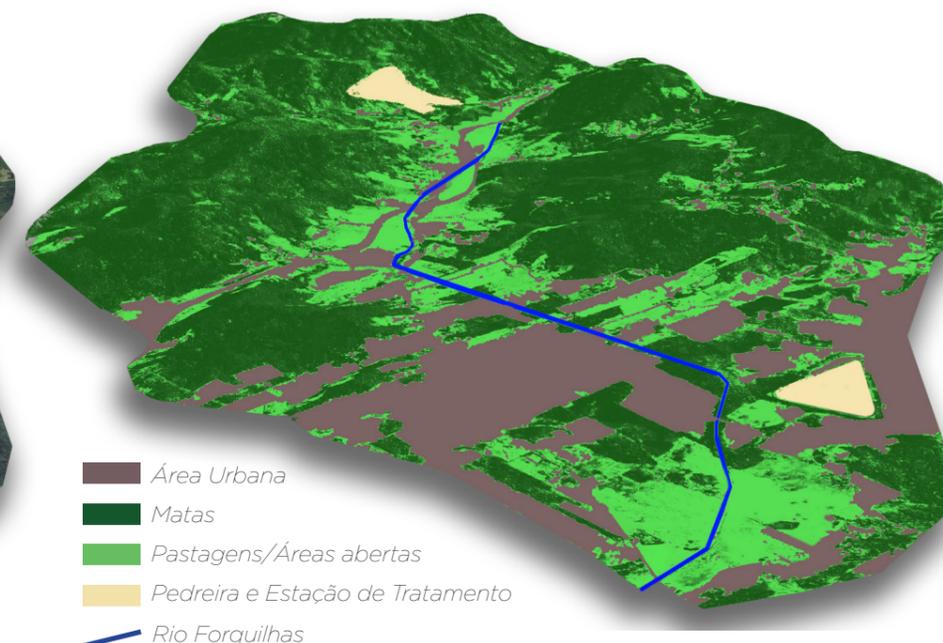
Como outras cidades brasileiras, São José sofre de problemas decorrentes da falta de planejamento urbano e da forma com que se lidou com os cursos d'água. Praticamente todos estão poluídos, atravessando áreas urbanas e ocasionando problemas de inundação em áreas de várzea que deveriam estar livres para a subida dos rios. Apesar de suas montanhas ainda preservarem boa parte das matas, pouco restou na parte mais baixa do vale, com as florestas virando cidades e pastagens, e a mata ciliar está comprometida em boa parte do Rio Forquilhas, fatores que tornam a situação ambiental delicada na área da proposta.

Enquanto, ao norte, o rio Três Henriques teve seu leito parcialmente concretado em função das cheias, o rio Forquilhas, que drena boa parte do município, permanece há anos com poucas intervenções. Boa parte do rio está retelinizada, e o trecho final também marca alguns dos maiores vazios urbanos da faixa intermediária de São José, justamente por conta dos eventos de inundação - chegou a haver uma moratória proibindo construções em parte da área. Entretanto, os bairros Forquilha, Flor de Nápolis e Picadas do Sul, que ficam nas margens do rio e estão consolidados,

acabam sofrendo com as maiores inundações.

As maiores cheias do rio Forquilhas deixaram boa parte da área da moratória, o que reforça o quanto essa diretriz era importante. Entretanto, o rio e seus canais de drenagem e afluentes, justamente por conta da falta de cuidado, tornam a situação ainda pior, com a água correndo mais rapidamente devido a falta de curvas e a drenagem descuidada dos bairros ao redor, cujas partes mais urbanizadas também negligenciaram e/ou canalizaram seus canais de drenagem.

Os problemas de drenagem de São Paulo, que canalizou e retelinizou boa parte de seus rios, não precisam ser repetidos em São José, em especial na parte que ainda não está totalmente urbanizada. Cidades pelo mundo tem percebido que os rios não são problemas a se esconder e cursos d'água que foram poluídos, desviados, retificados ou canalizados estão sendo renaturalizados, agregando um novo ambiente cênico onde antes havia prédios, estradas e outros usos pouco atrativos e se tornando exemplos de drenagem urbana sustentável.



4. DAS UNIVERSIDADES

4.1. OS MODELOS DE UNIVERSIDADES E AS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

As universidades contemporâneas descendem de alguns modelos históricos de organização acadêmica - a forma como se estruturam os cursos e as instituições - com os mais destacados o inglês, o francês e o alemão. Do modelo inglês derivou o modelo americano, que se tornou o mais usado no mundo. Os países europeus estabeleceram um novo modelo no início do século XXI, permitindo modernizar e estabelecer um espaço acadêmico comum na Europa.

As universidades do Brasil, mais recentes que as dos países vizinhos e bem mais do que as do hemisfério norte, são produtos do tempo em que foram criadas. Os grandes destaques foram a Universidade de São Paulo (USP), iniciativa estadual, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), inicialmente chamada Universidade do Brasil. As duas surgem no início do século XX.

A USP, por exemplo, seguia inicialmente o modelo alemão, focado no ensino e pesquisa e numa formação mais humanista. A existência das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, onde todos os estu-

tes passavam, era simbólica quanto ao interesse deste modelo. Outras universidades se inspiraram nela, como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), originalmente chamada Universidade de Santa Catarina. Já a Universidade do Brasil surge baseada no modelo francês, com formação de quadros estatais entre suas prioridades.

As peculiaridades do país e mudanças políticas mudaram os destinos das instituições. A principal delas foi na Ditadura Militar, a Reforma Universitária de 1968, baseada em um acordo educacional com os Estados Unidos, onde as universidades foram reorganizadas em departamentos, o sistema de créditos e o concurso vestibular foi introduzido e o modelo americano se

MODELO FRANCÊS
Na Revolução Francesa as universidades, associadas a nobreza derrubada, foram dissolvidas. Ao serem refundadas, passaram a ter foco no ensino e com grande controle estatal, com diversos tipos de instituição. As Grandes Escolas, um grupo seleto de instituições, se tornou a elite das universidades, sendo estas similares a outras universidades.
INFLUENCIA: UFRJ

MODELO ALEMÃO
Era um modelo mais liberal, muitas vezes com pouca ou nenhuma intervenção estatal, com autonomia. Tem foco no ensino e na pesquisa, mas sem ser meramente para formação profissional, com ensino mais humanista. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era o coração do sistema acadêmico.
INFLUENCIA: USP

MODELO INGLÊS
Além do ensino, focava também na pesquisa para garantir as elites aristocráticas o conhecimento acadêmico e em prol do futuro da nação.
INFLUENCIA: OS EUA

MODELO AMERICANO
Valoriza o ensino e a pesquisa, mas sem o foco na elite aristocrática que havia no modelo inglês: em teoria, garantiria acesso a qualquer pessoa interessada, e não apenas a elite. Permite mobilidade entre cursos e valoriza as escolhas dos alunos, cujos limites são, em geral, apenas os financeiros. Ainda há um sistema de optativas (Minors) que permite estudar áreas relacionadas ou diferentes da formação principal (Major).
INFLUENCIA: O MUNDO TODO

MODELO EUROPEU (BOLONHA)
Visando garantir maior competitividade e intercâmbio de conhecimento entre as universidades europeias, o acordo de Bolonha estabeleceu parâmetros comuns a todas as universidades da União Europeia e outros países, formando um bloco de 48 países. É introduzido um sistema de créditos comuns e estabelecido um sistema de três ciclos acadêmicos, visando mobilidade e compatibilidade entre os sistemas de cada país.

MODELO BRASILEIRO
O padrão acadêmico usado pela maior parte das universidades não é mais obrigatório, mas ainda é largamente usado. Ele segue preceitos da Reforma Universitária de 1968, feita após um acordo entre o MEC e os EUA, introduzindo alguns elementos do modelo americano como o sistema de créditos e a organização por unidades de ensino e departamentos.

MODELOS RECENTES

MODELOS HISTÓRICOS

tor-nou a inspiração no sistema e também no urbanismo dos campus, voltando as universidades para objetivos práticos: formar novos profissionais para o mercado de trabalho. Apesar disso, o modelo americano não foi totalmente copiado, com partes importantes da experiência universitária americana sendo deixada para trás, como a maior autonomia dos estudantes.

Anísio Teixeira tentou introduzir uma versão do modelo americano antes disso, respeitando as particularidades brasileiras e trazendo as partes mais interessantes daquele sistema, em duas oportuni-

dades, na Universidade do Distrito Federal e, principalmente, na Universidade de Brasília, mas ambas foram interrompidas com a ascensão de regimes ditatoriais.

Após a Lei nº 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de 1996, as regras rígidas da reforma universitária de 1968 foram flexibilizadas, mas nessa altura as universidades já mantinham esse modelo acadêmico a anos, o que levou a poucas mudanças. Com o REUNI, o programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais de 2008, novas universidades e, em alguns casos, antigas, passaram a adotar modelos diferentes, com destaque para o sistema adotado por algumas federais como a da Bahia, do Sul da Bahia e do ABC Paulista: o sistema de três ciclos. Alinhado a sistemas de ensino superior de outros países, esse modelo é uma alternativa a algumas questões históricas do ensino superior brasileiro.

4. DAS UNIVERSIDADES

4.2. SISTEMA DE TRÊS CICLOS

Essa estrutura acadêmica é usada em modelos universitários em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Com diferentes nomes e versões, eles tem em comum o aprofundamento no conhecimento a cada fase do ensino superior, sendo geralmente três: a básica, a intermediária e a final. O ciclo básico corresponde ao ensino dentro de uma grande área, e em alguns países é considerado um grau acadêmico, com um diploma. O ciclo intermediário é a que o estudante foca em uma área específica. O ciclo final corresponde às pós-graduações, que tem formatos diversos em cada país, porém são as que mais facilmente são intercambiáveis.

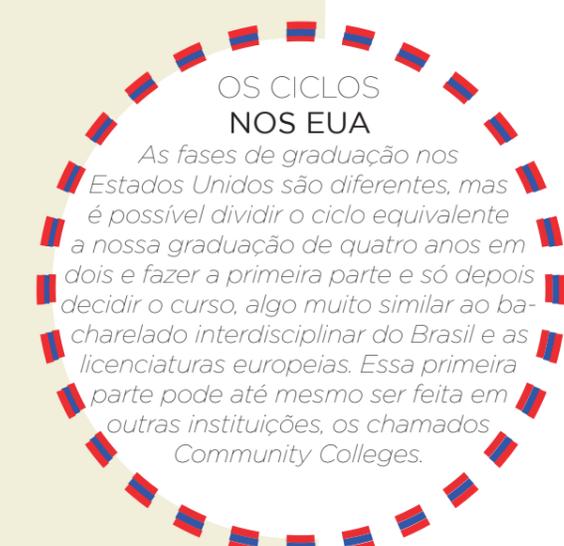
Na Europa, o sistema de três ciclos implantado com o Processo de Bolonha é conhecido pela sigla LMD, que vem das iniciais dos três ciclos que são, em ordem, Licenciatura (também chamada Bacharelado em alguns países), Mestrado e Doutorado - apesar do nome, são diferentes dos homônimos do Brasil, e cada ciclo tem tempos diferentes do modelo brasileiro, tornando difícil a comparação exata. Ao sistema é creditado uma maior facilidade para entendimento do sistema educacional de cada país e cooperação entre eles, e também maior interdisciplinariedade. Há, porém, críticas quanto ao tempo usado para cada nível de graduação e aos próprios objetivos do Processo, que visava melhorar o status da Europa diante de um mundo que conseguia resultados melhores na transferência do conhecimento para a sociedade, mas que acabou acelerando mudanças nas políticas de financiamento das universidades.

Já nos EUA, os sistemas são um pouco diferentes, mas também são com três níveis: bacharelado, mestrado e doutorado. Mas eles não exatamente como os europeus: o bacharelado equivaleria aos dois primeiros ciclos, com os anos iniciais sendo o ciclo básico - é possível até mesmo fazer esses anos iniciais em uma instituição diferente do ciclo intermediário. Já o Mestrado e Doutorado seriam o terceiro ciclo, e esse modelo inspirou o do Brasil, apesar de existirem diferenças entre

eles - por exemplo, o sistema brasileiro é mais rígido, enquanto o americano permite uma maior autonomia para o estudante, com incentivo a atividades acadêmicas fora da sala de aula e menos aulas em si.

No Brasil, o sistema acadêmico baseado no americano é o mais comum entre as universidades devido às reformas impostas durante a última Ditadura Militar. Com a redemocratização, muitas das burocracias obrigatórias do sistema da ditadura caem, mas os sistemas permanecem, visto que já eram usados a décadas, apenas se adaptando as novas diretrizes e realidades. Com o surgimento de novas universidades na década de 2000, em especial após o REUNI (2008), surgem também experiências diferenciadas de modelos acadêmicos no Brasil. Iniciativas como a chamada Universidade Nova e a mudança curricular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e experiências com três ciclos na Universidade Federal do ABC Paulista (UFABC) e Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) vem deste período.

Estas experiências brasileiras variam. Em 2009, a UFBA, com o projeto Universidade Nova, introduziu os bacharelados interdisciplinares - o ciclo inicial - mas teve que lidar com dificuldades na adaptação e na gestão do sistema antigo junto ao novo. A UFSB, do mesmo estado, foi implantada em 2013 com o sistema de ciclos desde o início, passando por um processo diferente, onde a universidade teve de estruturar uma rede de escolas para preparar os alunos antes mesmo da entrada no ensino superior, visto que a região atendida pela universidade tinha carência das formações básicas. Ao chegar na universidade em si, o aluno opta por um bacharelado ou licenciatura interdisciplinar em uma área do conhecimento e depois segue para o segundo ciclo em um centro de formação. De forma similar funciona a UFABC, onde o curso do primeiro ciclo sendo chamado "interdisciplinar". Esta universidade tem se destacado por seu forte nível de intercâmbio de conhecimento e qualidade, mesmo sendo muito nova.



4.3. CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ (USJ)

Opção pública de ensino superior em São José, o USJ é um Centro Universitário - uma das três categorias de ensino superior, estando abaixo das universidades e acima das faculdades. Foi fundado em 2005 e possui quatro graduações - Administração, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Ciências Contábeis e Pedagogia - e uma pós-graduação, de Didática e Metodologias para a Educação Básica.

Quando foi criado, São José passava por um período rico em obras de infraestrutura, como a Beira-Mar de São José. O USJ foi fundado mesmo sem uma sede própria, que acabou nunca sendo feita, com a instituição usando sedes provisórias em escolas municipais e no CEFET-SC (hoje Campus São José do Instituto Federal de Santa Catarina) até se fixar no Colégio Municipal Maria Luíza de Melo. Conhecido como Melão, essa escola do Kobrasol é a maior do município.

Pouco depois da fundação, foi divulgado um projeto para a construção de um Colégio de Aplicação na nova Avenida Beira-Mar, que logo se tornou também o projeto para uma sede própria para o USJ, angariando recursos educacionais do governo federal. Com o passar dos anos e a estrutura parcialmente construída, a prefeitura decidiu transferir para o prédio sua própria sede e a USJ continuou sem ter um campus.

Com pouco apoio do poder público e sem uma sede própria, o USJ é uma instituição meramente funcionalista: seu papel é basicamente formar os alunos - as notas de avaliação no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), por exemplo, são boas, mas pouco se faz fora do núcleo do ensino e a autonomia, apesar de prevista na sua lei de criação, é limitada, com as mudanças de governos mudando os rumos da instituição. Até hoje os estudantes do USJ lutam pela efetiva implantação do Centro Universitário - virar "a USJ", uma universidade, só seria possível depois de cumprir o básico - e pra isso a autonomia universitária e a pesquisa e extensão precisam existir. Uma sede própria ajudaria nesse aspecto.

5. PROPOSTA

5.1. PROBLEMÁTICAS

FALTA DE CENTRALIDADE

Os loteamentos de Forquilha surgem e crescem desconectados um do outro. Não há nada que os agregue a não ser a Rua Antônio Jovita Duarte, e o movimento pendular para o Centro e Campinas ainda é grande.

DESCONEXÃO

A desconexão entre loteamentos também acontece com os bairros vizinhos e com as linhas de ônibus. Chegar em Areias de ônibus é mais difícil que ir até o Centro.

DA ÁREA

PRÁTICA

Apesar de existirem iniciativas nesse sentido, é recorrente a queixa em vários cursos da falta de prática nos cursos.

URBANIDADE

O fato do campus ter um uso único, o acadêmico, diminui a qualidade do espaço urbano. Mesmo tendo lanchonetes e atrações culturais, a falta de vitalidade torna o campus perigoso em alguns horários, como a noite, e durante o dia, os centros tem poucos espaços de estar, com estrutura deficiente.

USJ

São José tem um centro universitário público que não tem sede própria. Além da sede, o campus pode tornar a USJ uma universidade.

ESCOLHAS

O currículo engessado de muitos cursos não permite que o aluno faça escolhas que o levem a áreas com o qual tem mais afinidade ou interesse.

Curiosamente, a única escolha importante é feita antes, no vestibular - e muitos estudantes, tendo a feito sem conhecer ao certo as áreas ou pela pressão do fim do Ensino Médio, escolhem mal, levando a evasão.

BOLHAS

A setorização vista na UFSC e em muitas universidades acarreta na separação de alunos em seus cursos e centros de ensino, quando se considera na atualidade que a interdisciplinaridade é importante para a formação acadêmica e o contato com o diferente acarreta em empatia e formação de caráter.

CRESCIMENTO URBANO

É questão de tempo para que os vazios restantes nos bairros também sejam loteados. Um loteamento nessa área ambientalmente frágil que não leve essa questão em conta pode piorar os problemas de inundação.

RIO FORQUILHAS

Nas cheias, ele alaga os bairros ao sul, como Flor de Nápolis e Forquilha. Nessa área, uma obra de drenagem será feita em breve. Boa parte do terreno também é alagável

SERTÃO DO MARUIM

A proposta da cidade universitária tem por objetivo a resolução de diversas problemáticas do ensino universitário relacionadas a estrutura, que passaria a contribuir para a educação dos acadêmicos. Essa nova estrutura tem por intenção não apenas melhorar a qualidade física do aprendizado, mas também ser um reflexo físico do próprio modelo de universidade proposto.

Para tal, se apresentaram durante o processo de criação da proposta diversas questões que na atualidade se tornam problemas ou dificuldades da vida daqueles que vivem no universo acadêmico, sejam estudantes, professores, pesquisadores, trabalhadores ou mesmo moradores das regiões dos campi. Por uma questão de proxi-

midade, muitas das críticas feitas ao modelo acadêmico e ao urbanismo dos campi são relacionadas diretamente a Universidade Federal de Santa Catarina e ao Campus João David Ferreira Lima, a Cidade Universitária da UFSC, em Florianópolis. Entretanto, muitas das problemáticas se repetem em campi de todo o país.

Outras problemáticas se apresentam relacionadas ao terreno escolhido, indo desde as questões relacionadas a urbanização, aos movimentos pendulares entre bairro e Centro de Florianópolis, a desconexão entre loteamentos e bairros e as questões ambientais, como a presença do Rio Forquilha e as áreas de mata restantes.

ESPECULAÇÃO

A UFSC atrai milhares de estudantes, mas não oferece moradia suficiente nem para os mais carentes. Além do problema social, a falta de moradia no campus o torna desabitado e inseguro em alguns dias e horários e incentiva a especulação imobiliária nos bairros da borda do campus, tornando terrenos, casas e aluguéis mais caros.

DAS UNIVERSIDADES

5. PROPOSTA

5.2. A ÁREA DA PROPOSTA

A proposta se insere no leste de Forquilhas, na divisa com Potecas, numa área plana formada por fazendas de pecuária extensiva. Os limites desta área de pastagem definem o terreno, com a área de floresta ao oeste e ao norte sendo mantidas. Dentro desta área entre as ruas Antônio Jovita Duarte e Killiano Hammes há pouca urbanização e moradores - existem duas fazendas ocupadas - a maior em uma colina no leste, único desnível relevante, e outra ao sul, além de uma rua com casas dos dois lados perto da fazenda do leste e algumas casas ao norte. Devido a importância topográfica da colina, a fazenda foi adicionada ao terreno, enquanto as outras áreas particulares não foram.

O terreno é quase todo descampado, com o rio Forquilhas correndo ao meio, dividindo-o

em duas metades. Outros afluentes e canais de drenagem correm pela área da proposta. O rio Forquilhas já teve alguns episódios notáveis de cheias, a ponto do poder público ter feito uma moratória já revogada, a Lei 4749/2009, para limitar as construções em parte das margens do rio - incluindo aí parte do terreno. Parte dos bairros vizinhos de Forquilha, Flor de Nápolis e Picadas do Sul são mais atingidos pelas cheias.

O terreno tem, no total, cerca de 1,5km² de área, sendo maior que o Campus da UFSC, usado como referência da proposta. Entretanto, parte dessa área não será usada para construção, sendo voltada para contenção das cheias do rio e os parques. Com isso, a Cidade Universitária terá cerca de 976 mil m² de área construível.

5.3. ÁREAS PRESERVADAS

Os principais elementos do terreno, o Rio Forquilhas e seus afluentes, precisam passar por um processo de recuperação. O Forquilhas deverá ser despoluído e desretificado, recuperando sua vitalidade e permitindo que a água não corra com tanta força em eventos de chuva. Além dos 50 metros previstos no Código Florestal, uma grande área será reservada para possíveis eventos de inundação. A recuperação do rio e seu entorno e obras de drenagem que estão sendo feitas ao sul do terreno devem garantir a fluidez das águas. Os canais de drenagem serão

unidos em quatro canais maiores, que também terão áreas reservadas em seus entornos. Essas áreas se tornarão os parques lineares do campus.

Próximo ao terreno encontram-se algumas matas que resistiram ao processo de urbanização que Forquilhas e Potecas tem passado nos últimos anos. Essas três áreas limítrofes serão mantidas assim, sob a tutela da universidade. Algumas matas restantes do terreno também serão mantidas e tornadas bosques do campus.

5.4. MOBILIDADE

Dois tópicos norteiam as questões de mobilidade da cidade universitária: o primeiro envolve o campus como um centro de mobilidade coletiva, ligando a universidade as outras centralidades da cidade através de linhas diretas e se tornando o final das linhas dos bairros, que deixam de ser diretas para o Centro de Florianópolis e passam a ligar os loteamentos e bairros do entorno a universidade, onde cada pessoa pode escolher pegar a linha para a parte da cidade que desejar. O campus terá três ruas com vias exclusivas para ônibus, sendo uma delas a Avenida Universitária reforçando o seu protagonismo, onde poderão ser pegos os ônibus para as ou-

tras partes da cidade.

O segundo tópico de mobilidade envolve a relação do campus com seu entorno e a circulação interna do campus. Para tal, as ruas voltadas para carros que ligarão os bairros vizinhos e o campus serão dotadas de calçadas largas e ciclovias, que formaram uma rede de caminhabilidade junto as vias para pedestres e ciclistas do interior das quadras. Enquanto as vias internas tem caráter mais tranquilo, ligando diferentes partes do campus, mas sem carros, as ruas para carros formam a conexão urbana com a cidade. As vias seguem através dos parques e sobre os rios, melhorando também a paisagem.

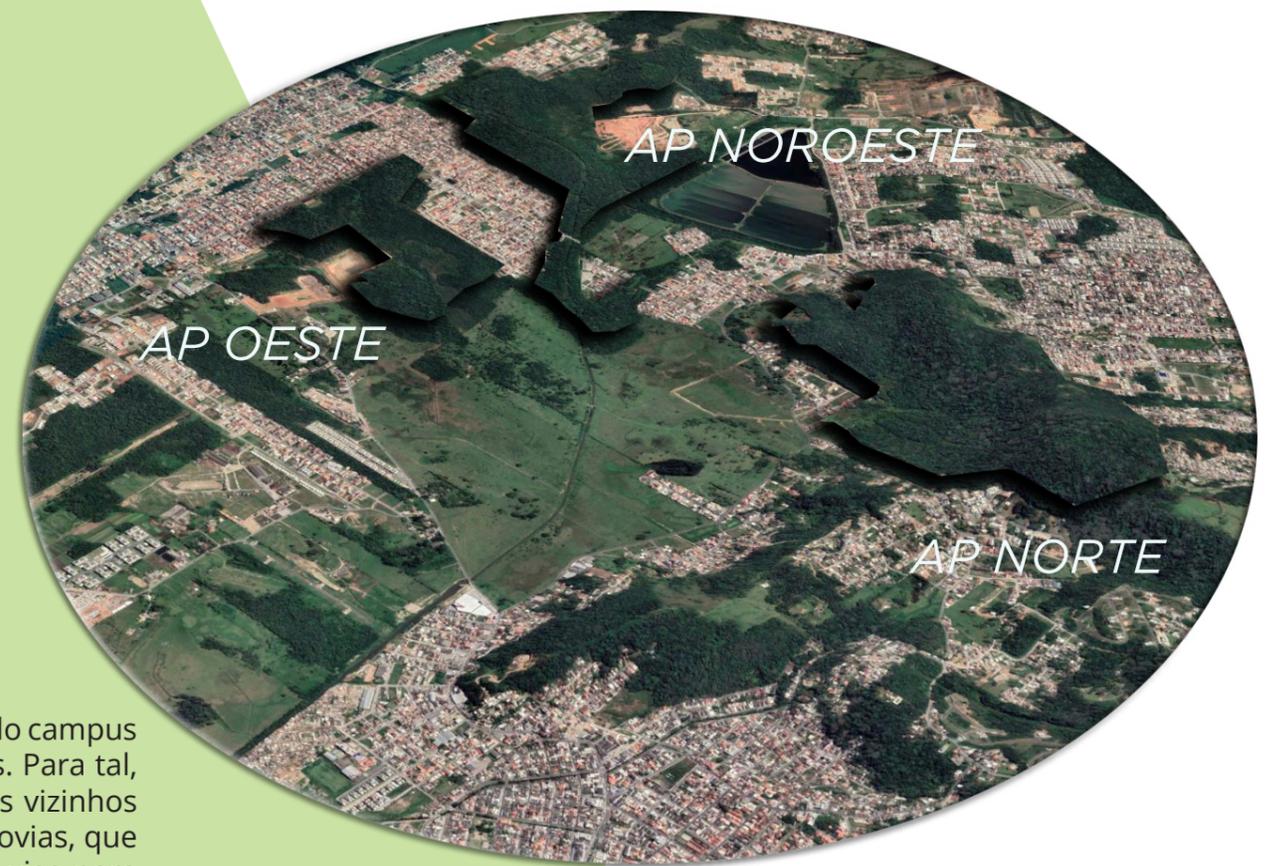
*CAMPUS TRINDADE (UFSC)
Área aproximada:
900 mil m²*



Mapa: Página 13



*TERRENO
Área aproximada: 1,56km²
Áreas ambientais preservadas dentro
do terreno: 655 mil m²*



Mapa: Página 14

Mapa: Página 15

5. PROPOSTA

5.2. ÁREA DA PROPOSTA



BAIRRO FORQUILHAS

BAIRRO POTECAS

TERRENO
Área: 1.565.021m²
(1,5km²)

BAIRRO SANTOS SARAIVA

BAIRRO SERTÃO DO MARUIM

BAIRRO FORQUILHINHA

ESCALA 1:8000

N

- Limite do terreno
- - - Limite dos loteamentos
- Cursos de água
- ▨ Trecho com risco de inundação (baseado na antiga Lei 4749/2009)

NOVO HORIZONTE

JARDIM DOS PALMARES

SUPERMERCADO BISTEK

JARDIM DAS PALMEIRAS

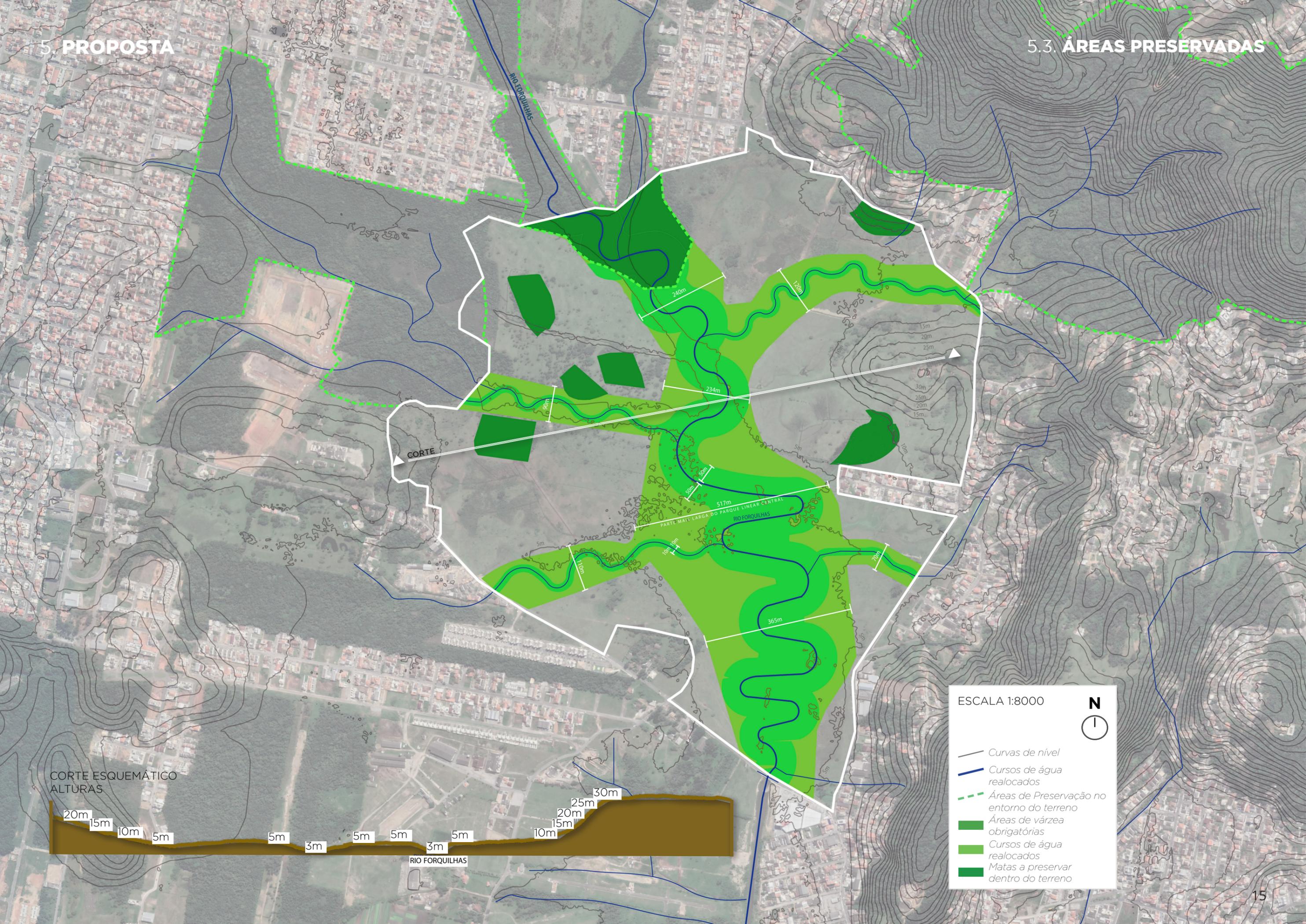
CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS OS PRAIANOS

BENJAMIN GERLACH

C.F. PICADAS

5. PROPOSTA

5.3. ÁREAS PRESERVADAS



CORTE

CORTE ESQUEMÁTICO ALTURAS



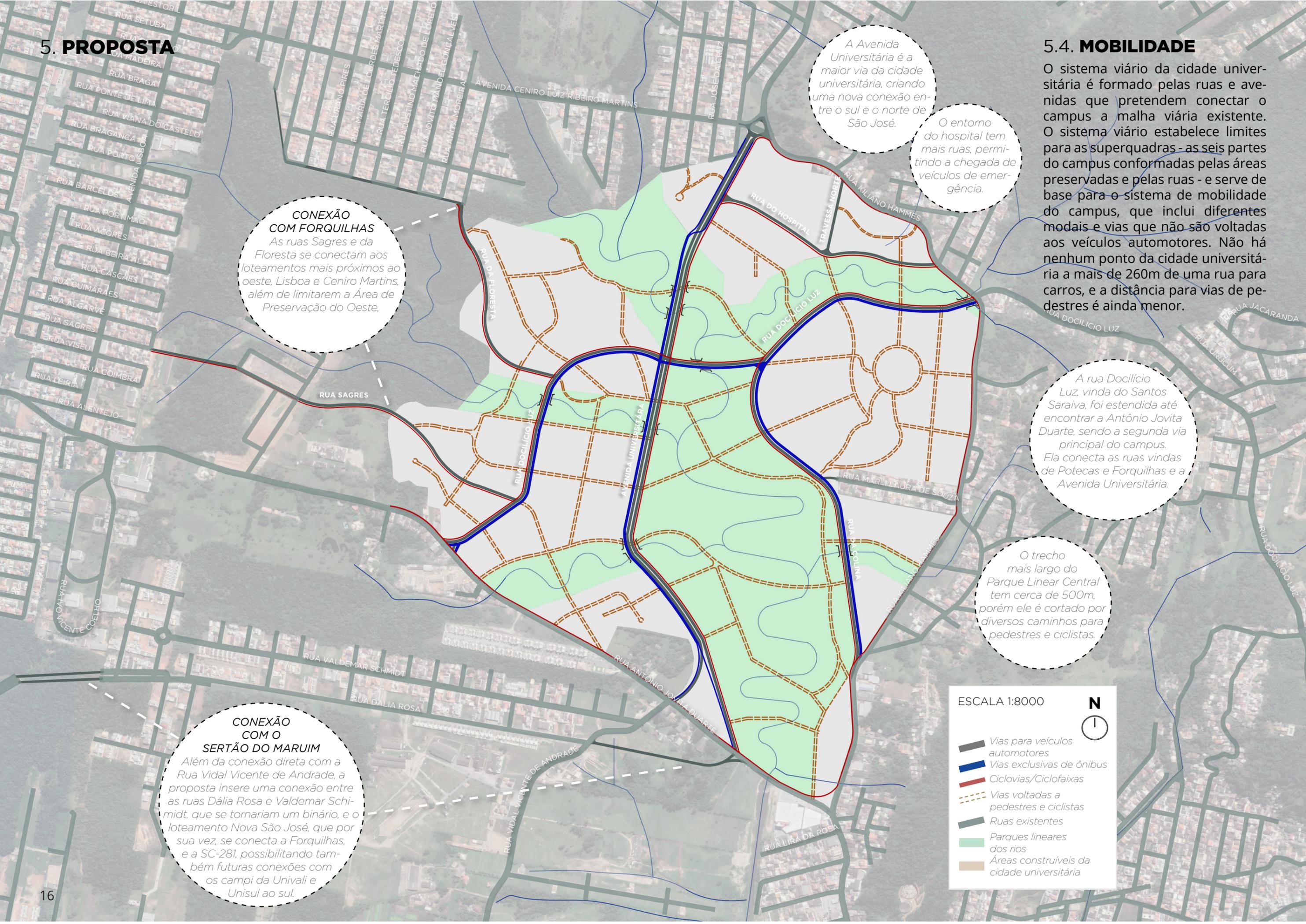
RIO FORQUILHAS

ESCALA 1:8000

N

- Curvas de nível
- Cursos de água realocados
- - - Áreas de Preservação no entorno do terreno
- Áreas de várzea obrigatórias
- Cursos de água realocados
- Matas a preservar dentro do terreno

5. PROPOSTA



CONEXÃO COM FORQUILHAS
As ruas Sagres e da Floresta se conectam aos loteamentos mais próximos ao oeste, Lisboa e Ceniro Martins, além de limitarem a Área de Preservação do Oeste.

CONEXÃO COM O SERTÃO DO MARUIM
Além da conexão direta com a Rua Vidal Vicente de Andrade, a proposta insere uma conexão entre as ruas Dália Rosa e Valdemar Schmidt, que se tornariam um binário, e o loteamento Nova São José, que por sua vez, se conecta a Forquilhas, e a SC-281, possibilitando também futuras conexões com os campi da Univali e Unisul ao sul.

A Avenida Universitária é a maior via da cidade universitária, criando uma nova conexão entre o sul e o norte de São José.

O entorno do hospital tem mais ruas, permitindo a chegada de veículos de emergência.

A rua Docilício Luz, vinda do Santos Saraiva, foi estendida até encontrar a Antônio Jovita Duarte, sendo a segunda via principal do campus. Ela conecta as ruas vindas de Potecas e Forquilhas e a Avenida Universitária.

O trecho mais largo do Parque Linear Central tem cerca de 500m, porém ele é cortado por diversos caminhos para pedestres e ciclistas.

5.4. MOBILIDADE

O sistema viário da cidade universitária é formado pelas ruas e avenidas que pretendem conectar o campus a malha viária existente. O sistema viário estabelece limites para as superquadras - as seis partes do campus conformadas pelas áreas preservadas e pelas ruas - e serve de base para o sistema de mobilidade do campus, que inclui diferentes modais e vias que não são voltadas aos veículos automotores. Não há nenhum ponto da cidade universitária a mais de 260m de uma rua para carros, e a distância para vias de pedestres é ainda menor.

ESCALA 1:8000

N

- Vias para veículos automotores
- Vias exclusivas de ônibus
- Cicloviarias/Ciclofaixas
- Vias voltadas a pedestres e ciclistas
- Ruas existentes
- Parques lineares dos rios
- Áreas construíveis da cidade universitária

5. PROPOSTA

5.6 OS CICLOS APLICADOS NO PLANEJAMENTO URBANO

Para nortear a proposta urbana da cidade universitária, o sistema de ciclos, que é relacionado a estrutura acadêmica, se tornou também a base para a setorização do projeto.

Cada ciclo representa uma fase da vida do universitário, e também passa a ter diferentes tipos de construção associados.

O Ciclo 1, Interdisciplinar ou Pré-Graduação representa a entrada na universidade. Neste ciclo, o aluno começa sua jornada acadêmica, após ter escolhido uma das grandes áreas e é direcionado a um tutor. O prédio associado diretamente ao Ciclo 1 será o Colégio de Ensino e Formação (CEF), um conjunto arquitetônico formado principalmente por salas de aula, de diferentes tamanhos, variando conforme a necessidade.

Serão oito CEFs no campus, cada um voltado a uma grande área do conhecimento - as mesmas do CNPq. Entretanto, essa divisão não significa que um aluno que tenha se matriculado em uma área ficará apenas no seu Colégio: aulas específicas podem ser dadas em outros prédios associados aos outros ciclos e mesmo em outros colégios, e have-

rão aulas comuns, como ética ou instrumentação bibliográfica. Também serão dadas aulas comuns aos atuais cursos de graduação - por exemplo, aulas de cálculo, que são comuns a diversos cursos, seriam dadas pelo CEF de Engenharia - em diversos horários, possibilitando a flexibilização de horários e o contato entre estudantes que rumarão para diferentes áreas. Algumas aulas podem ser equivalentes e acontecerem em CEFs diferentes, permitindo ainda mais flexibilização.

Caberá ao aluno escolher as aulas mais adequadas aos seus objetivos - o aluno escolherá uma grande área e sinalará suas possíveis escolhas para o segundo ciclo, tendo opções de mudar conforme o interesse e a disponibilidade.

O Ciclo 2 ou Graduação representa a escolha de uma área específica na profissão. Neste ciclo, o aluno já está acostumado as dinâmicas universitárias e muito provavelmente já conhece o curso que irá seguir, visto que, no Ciclo 1, o estudante já pode ter contato com as áreas seguintes e seus estudantes. A interdisciplinariedade também é vertical, entre níveis e ciclos.

Essa fase preza pelo treinamento e capacitação para a responsabilidade que vem com o diploma de área. Assim, menos aulas teóricas e mais aulas práticas são esperadas em cursos mais técnicos e artísticos, enquanto cursos voltados a humanidades voltam-se as pesquisas. Por isso, as atividades dos laboratórios se tornam centrais, e por isso, o prédio associado diretamente ao Ciclo 2 será o Laboratório-Sala - um prédio voltado, ao mesmo tempo, a pesquisa, prática e ensino dos cursos. O próprio desenho do prédio precisará estar atrelado a sua abertura para a comunidade, quando possível - afinal, algumas

pesquisas requerem certo isolamento - permitindo que pessoas conheçam o que se faz na universidade e que interessados possam aprender, com o prédio atuando na própria divulgação do que é feito nele.

Um outro tipo de prédio também será associado com o Ciclo 2: as sedes dos cursos. Diferente do que costuma acontecer com as universidades brasileiras, os prédios serão voltados para as funções mais administrativas, além de exposições, auditórios e salas para professores que não teriam salas nos Laboratórios-Sala, como os mais novos. Além de suas funções, as sedes dos cursos seriam arquitetadas como marcos visuais, gerando sensação de pertencimento aos estudantes e diferenciação de outros prédios da cidade.

INÍCIO E BASE
CICLO 1

COLÉGIO DE ENSINO E FORMAÇÃO

FOCO E PRÁTICA
CICLO 2

LABORATÓRIOS-SALA

SEDES DOS CURSOS

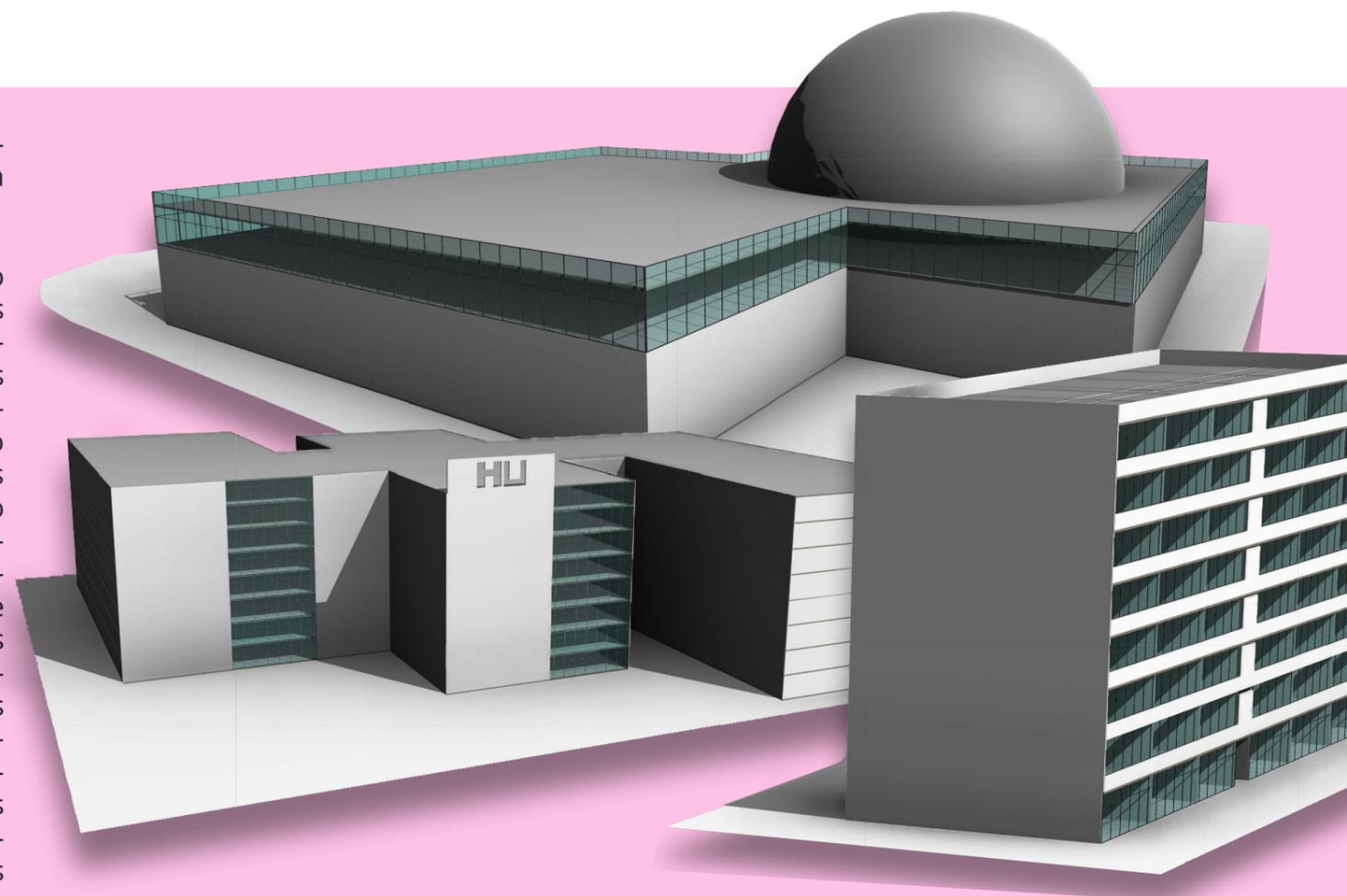
5. PROPOSTA

O Ciclo 3 ou Pós-Graduação é o final da jornada acadêmica. No ciclo final, o estudante já finalizou a etapa de graduação, podendo trabalhar na área, mas também podendo optar por seguir na vida acadêmica. No modelo universitário proposto, a universidade incentivará seus estudantes a permanecer no campus, onde os mesmos poderão conduzir programas, projetos, entidades e atividades extensionistas diversas.

Uma vez que o aluno já tem seu diploma, o que garante responsabilidade técnica sobre a sua área, ele pode se tornar responsável pela criação ou administração de atividades na universidade enquanto realiza suas atividades de pós-graduação - de preferência, associando as duas. As atividades extensionistas e serviços oferecidos pelos estudantes do Ciclo 3 na universidade poderiam ser variadas, indo desde grupos de estudos, núcleos de pesquisa, laboratórios, incubadoras, comércios, serviços, cursos livres e outras que poderiam vir a surgir com o tempo, garantindo

flexibilidade e atualização para a própria universidade, que, por sua vez, tem sua própria gama de atividades extensionistas.

Assim, os prédios associados ao Ciclo 3 são justamente os espaços onde essas atividades e serviços da Universidade podem ser oferecidos: os edifícios institucionais, que incluem os prédios administrativos como Reitoria e Prefeitura Universitária, e outros serviços como o hospital, a miateca, os museus, os centros de educação física, dentre outros - nesses, o estudante do ciclo 3 pode trabalhar ou se tornar responsável - e os espaços voltados as atividades extensionistas e serviços a parte, que ocupariam salas e escritórios nos edifícios mistos. Os edifícios mistos alternariam espaços comerciais/institucionais com residenciais - estas poderiam ser ocupadas por estudantes desde o início da vida universitária, e ocasionalmente outros moradores. Os espaços poderiam ser ocupados pelas iniciativas estudantis e ocasionalmente também por outros comerciantes.



INSTITUCIONAIS

MISTOS

CONSOLIDAÇÃO E RESPONSABILIDADE
CICLO 3

5. PROPOSTA

5.7. QUADRAS: A CIDADE PLURAL

Apesar dos ciclos terem a função de orientar os prédios, a setorização da cidade não será feita como nas cidades modernas, e sim priorizando a diversidade de usos em cada quadra. Criar setores específicos para um curso ou área do conhecimento acabaria segregando os estudantes destas áreas, criando "bolhas" e quebrando a ideia da multidisciplinaridade. Da mesma maneira, dar um único propósito - estudar, morar, comprar - a um setor acarretaria em seu esvaziamento daqueles que não pretendem fazer o que está estabelecido para a área.

Assim, cada quadra terá que conter os prédios dos três ciclos, coexistindo em harmonia arquitetônica, com volumetria adequada e transições entre eles e dos interiores para os exteriores. A proposta coloca juntos os prédios do ciclo inicial e os prédios institucionais do ciclo final, as residências alternadas aos laboratórios e as posições não seriam delimitadas pela conveniência - laboratórios de saúde poderiam ser em outra parte da cidade universitária que não a quadra do hospital, por exemplo. Essa dispersão levaria os estudantes e transeuntes do campus a passarem pelos mais diversos prédios e atrações, com os mais diversos usos, pluralizando a experiência da universidade, que não deve ser meramente acadêmica, mas também cultural, social e econômica.

SUPERQUADRAS (SQ)

As seis divisões do campus são as superquadras, que possuem diferentes cursos, prédios e serviços oferecidos. O uso das superquadras é supervisionado pela Prefeitura Universitária, que ganha o papel de agente imobiliário. Os prédios podem ter até oito pavimentos. As quadras - porções menores das superquadras, entre as vias - precisam ter 30% de área permeável, visto que o terreno é sensível a problemas de drenagem. Estacionamentos são definidos conforme a necessidade de cada edificação construída e do espaço e configuração de cada quadra.

SQ NOROESTE

SQ OESTE

SQ SUL

SQ NORTE

SQ LESTE

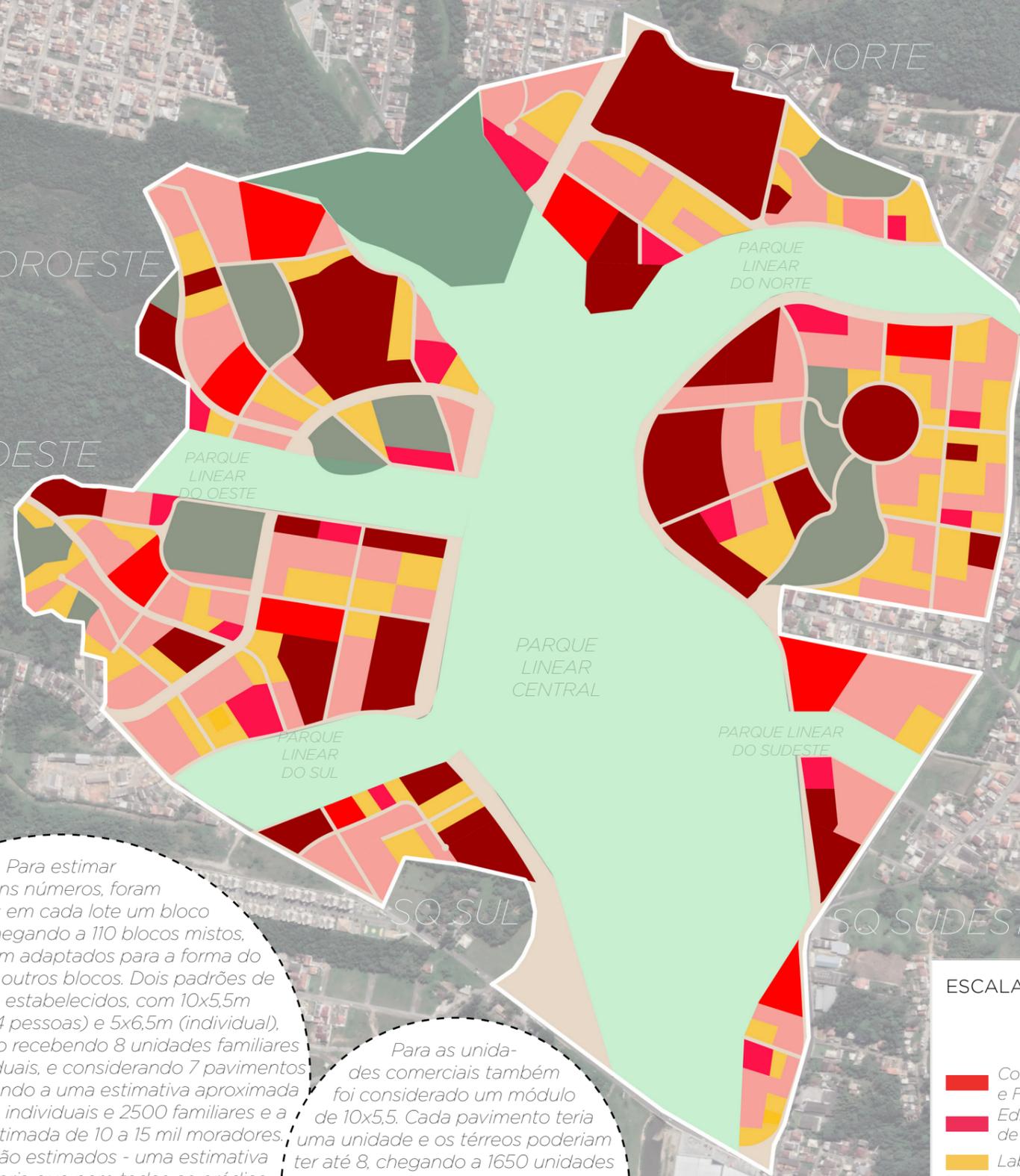
SQ SUDESTE

OS EDIFÍCIOS MISTOS

São prédios de até oito andares voltados aos estudantes, mas que também podem ser alugados por moradores externos, dependendo da disponibilidade - a prioridade são os estudantes de baixa renda. Os térreos e algumas unidades dos pavimentos superiores são de salas comerciais, voltadas a extensão e outras iniciativas universitárias, mas também a comércio de bairro não ligado diretamente a universidade - apesar do incentivo para que estes contratem estudantes. Os prédios contam com sistema de coleta de água da chuva, drenagem e bicicletário para incentivar o uso.

Para estimar alguns números, foram colocados em cada lote um bloco de 15x50m, chegando a 110 blocos mistos, que depois foram adaptados para a forma do lote e/ou unido a outros blocos. Dois padrões de unidade foram estabelecidos, com 10x5,5m (familiar, para 2 a 4 pessoas) e 5x6,5m (individual), com cada pavimento recebendo 8 unidades familiares ou 11 unidades individuais, e considerando 7 pavimentos habitacionais, chegando a uma estimativa aproximada de 5000 unidades individuais e 2500 familiares e a uma população estimada de 10 a 15 mil moradores. Esses números são estimados - uma estimativa na prática verificaria que nem todos os prédios seguiriam o tamanho e número de pavimentos padrão, haveria diversidade de unidades e nem todos as famílias terão quatro pessoas, entre outros fatores.

Para as unidades comerciais também foi considerado um módulo de 10x5,5. Cada pavimento teria uma unidade e os térreos poderiam ter até 8, chegando a 1650 unidades estimadas - entretanto, na prática, os tamanhos seriam diferentes e muitas unidades seriam usadas para gerenciamento dos edifícios, usos comuns como salões de festas e circulações como elevadores.



ESCALA 1:8000

N



- 1 Colégios de Ensino e Formação
- 2 Edifícios-sede de cursos
- 3 Laboratórios-Sala
- Edifícios institucionais
- Edifícios mistos: residencial/comercial
- Áreas de matas
- Parques lineares/várzeas

5. PROPOSTA

5.8. CAMPUS: A CIDADE SIMULADA

Com os ciclos ordenando os prédios do campus, toda a cidade universitária participa da formação dos alunos e a vida universitária simula, e é, ao mesmo tempo, a vida real de uma cidade.

Um estudante pode participar desta "cidade simulada" de várias formas: sendo ensinado em uma aula, sendo cliente em um comércio do campus, que pode ter entre seus funcionários ou seus colaboradores outros estudantes, sendo participante de uma atividade de extensão, na qual outros estudantes estarão orientando. Os estudantes que oferecem as atividades também estarão aprendendo e contribuindo, gerando um ciclo de aprendizado em que o próprio campus é o campo de provas para os futuros profissionais. Os acadêmicos, visitantes e moradores da cidade universitária saberão das características dos serviços oferecidos, e essa oferta de serviços também se torna uma atração do campus, junto com os prédios institucionais e os parques lineares.

JARDIM BOTÂNICO
Foi posicionado próximo a Área de Preservação do Oeste, com o intuito de contribuir com a manutenção desta.

BOSQUES
As áreas de mata que ficaram dentro das superquadras serão tornadas bosques, com caminhos internos para visitação.

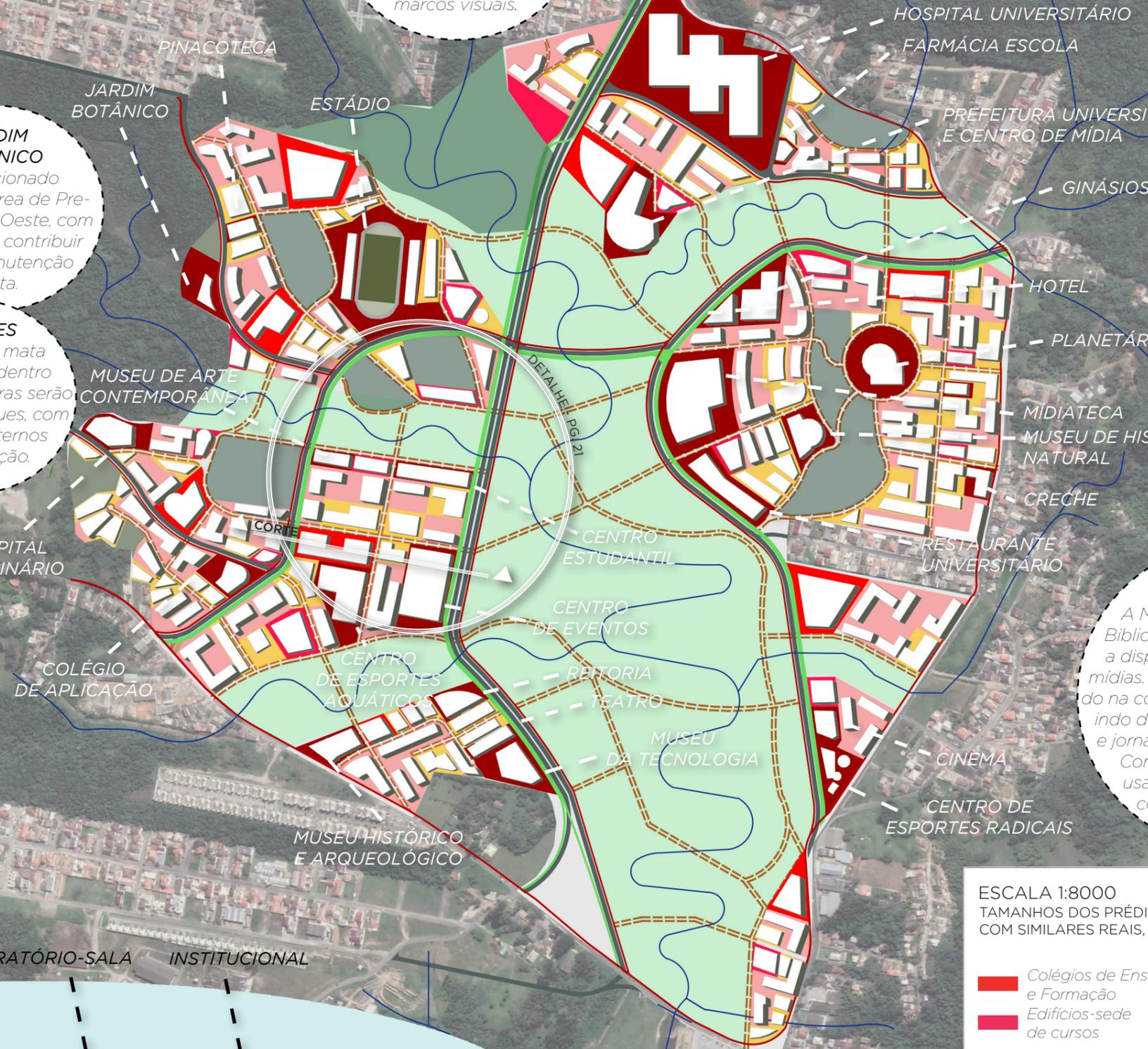
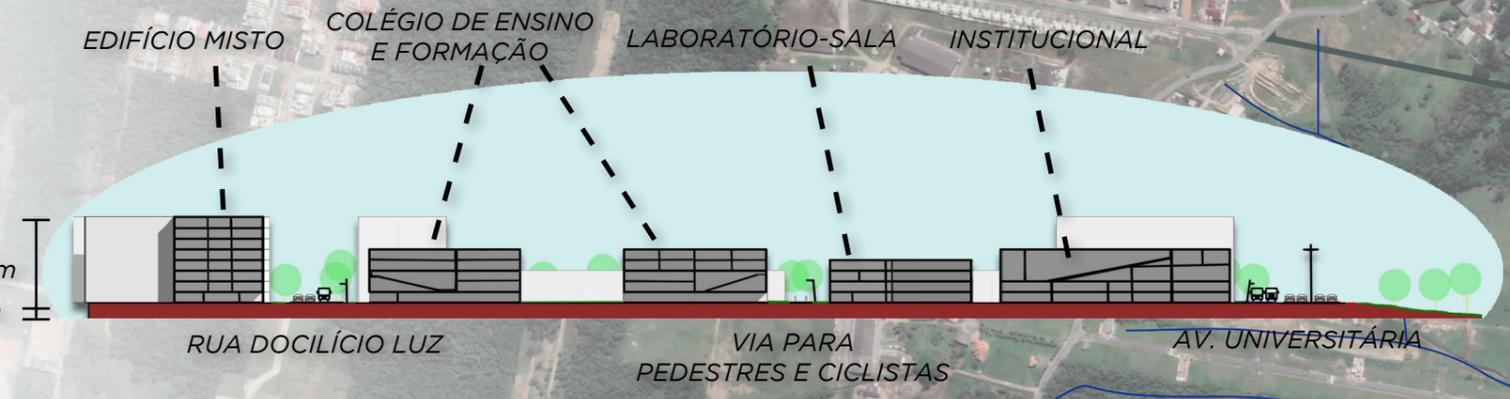
REITORIA E PREFEITURA UNIVERSITÁRIA
Os dois prédios administrativos foram posicionados um de cada lado do parque central, para também torná-lo marcos visuais.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
Visto que o outro hospital Josefense fica mais ao sul, ele foi posicionado ao norte do terreno, sendo de mais fácil acesso aos moradores do norte de São José.

ESPORTES
Além dos Ginásios de Quadras e de Esportes Aquáticos, do Estádio e do Centro de Esportes Radicais, o Parque Linear Central também tem quadras diversas para incentivar a prática esportiva, garantindo estrutura numa área que a cidade tem se destacado.

MIRANTE PLANETÁRIO
Com seu chamativo domo, foi posicionado no ponto mais alto do terreno para se tornar um marco visual e turístico do campus.

MIDIATECA E CENTRO DE MÍDIA
A Mídioteca é equivalente a Biblioteca Universitária, estando a disposição também de outras mídias. Já o Centro de Mídia é focado na comunicação interna e externa, indo desde a geração de rádio, TV e jornal até estúdios de filmagem. Como tudo no campus, será usado para diversos cursos, como jornalismo, design e cinema.

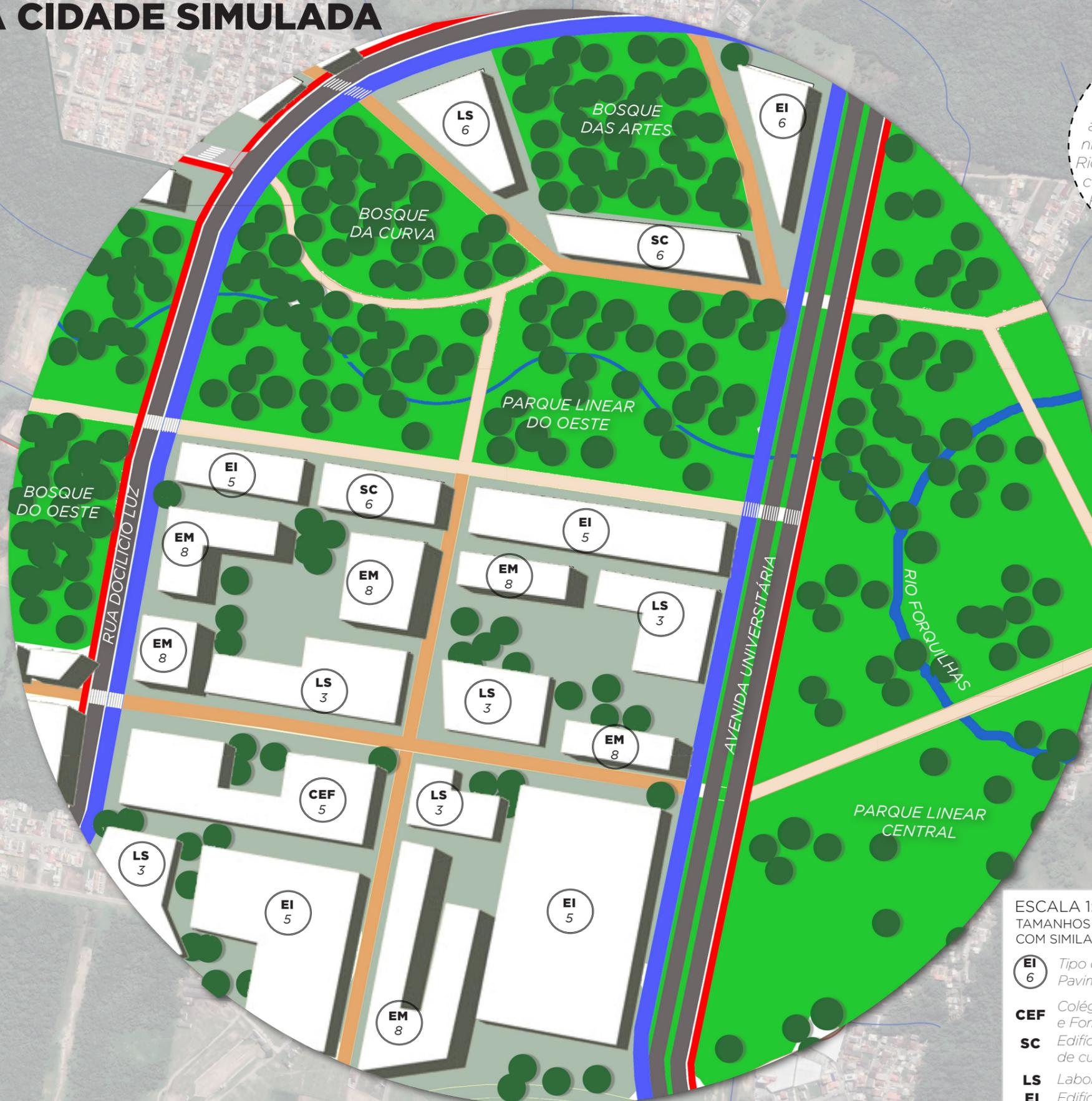


ESCALA 1:8000
TAMANHOS DOS PRÉDIOS ESTIMADOS EM COMPARAÇÃO COM SIMILARES REAIS, COM INTUÍTO ILUSTRATIVO.

 Colégios de Ensino e Formação	 Vias para veículos automotores
 Edifícios-sede de cursos	 Vias exclusivas para ônibus
 Laboratórios-Sala	 Ciclovias/Ciclofaixas
 Edifícios institucionais	 Vias voltadas a pedestres e ciclistas
 Edifícios mistos: residencial/comercial	
 Áreas de matas	
 Parques lineares/várzeas	

5. PROPOSTA

5.8. CAMPUS: A CIDADE SIMULADA



PARQUE LINEAR CENTRAL
 O parque conta com áreas gramadas e caminhos que passam sobre o Rio Forquilhas, que ganhou curvas e se torna atrativo. Perto dele, será recuperada a mata ciliar.

As vias para pedestres e ciclistas se integram aos parques ao sair das quadras, mantendo a iluminação e o tamanho.

ESCALA 1:2000
 TAMANHOS DOS PRÉDIOS ESTIMADOS EM COMPARAÇÃO COM SIMILARES REAIS, COM INTUÍTO ILUSTRATIVO.

EI 6	Tipo de Prédio Pavimentos		Vias para veículos automotores
CEF	Colégios de Ensino e Formação		Vias exclusivas para ônibus
SC	Edifícios-sede de cursos		Cicloviás/Ciclofaixas
LS	Laboratórios-Sala		Vias voltadas a pedestres e ciclistas nas quadras
EI	Edifícios institucionais		Vias voltadas a pedestres em parques e bosques
EM	Edifícios mistos: residencial/comercial		Parques lineares/bosques

N

5. PROPOSTA



5. PROPOSTA

5.9. AUTONOMIA DO ESTUDANTE

Uma das grandes questões que diferem os modelos mais proeminentes das universidades brasileiras de outros é a pouca autonomia dos estudantes sobre sua trajetória acadêmica. Muitas aulas, em horários quase sempre rígidos, pouco incentivo a atividades curriculares extraclasse e um direcionamento total dentro dos cursos.

Na proposta, a autonomia do estudante é pensada como parte da experiência universitária: o estudante tem possibilidade de montar seus horários e criar, junto ao tutor, uma sequência que seja mais conveniente para sua formação. Praticamente não haveriam turmas únicas em todas as disciplinas, com cada aluno tendo aulas com conjuntos variados de estudantes - da mesma área, de áreas próximas ou mesmo de áreas muito diferentes.

As escolhas e a jornada acadêmica influenciariam na própria vivência do campus, que é pensado para incentivar a caminhada, a descoberta das atividades a parte daquela que o estudante escolheu e o encontro entre diferentes tipos de estudante/morador/frequentador do campus. Os prédios terão bicicletários e a cidade universitária alterna, entre as ruas para carros e ônibus, ciclovias e ruas compartilhadas para pedestres e ciclistas - permitindo também a entrada de carros de emergência dentro das quadras.

A VIDA NO CAMPUS

Imaginamos como seria um dia na vida de três acadêmicos fictícios* da Cidade Universitária da USJ. Mesmo que os três tenham se encontrado, cada trajetória é distinta. O campus permite que o aluno flexibilize sua rotina, descubra novos caminhos e encontre pessoas que não encontraria num modelo tradicional de universidade.

CIDADE CAMINHÁVEL

Caminhadas são recomendáveis no campus, com os alunos explorando as diversas possibilidades da Cidade Universitária enquanto transitam. A universidade também contará com serviços de retirada de bicicletas temporárias. Cada superquadra deverá contar com comércio de bairro, atendendo as necessidades mais básicas em um raio de 260m.



ANDRESSA
30, mora no Campus
CICLO 3

CASA EDIFÍCIO MISTO NA SQ NORTE

1
720m
10min

ROBOTOLAB LABORATÓRIO-SALA ONDE É PESQUISADORA

2
1,1km
14min

SEDE DE CURSO ENGENHARIAS ENCONTROU O TUTOR EM SUA SALA DE PROFESSOR

3
1km
14min

LABCIDADE APRESENTOU SUA PESQUISA AOS ALUNOS

4
1,2km
16min

CENTRO DE ESPORTES AQUÁTICOS AULA PRÁTICA DE NATACÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO DA ED. FÍSICA

5



DENISE
18, mora no Lisboa
CICLO 1

- 1 700m | 9min
TEATRO FOI DE BICICLETA AO ENSAIO DO GRUPO DO QUAL FAZ PARTE, DEIXOU A BICICLETA NO BICLETÁRIO.
- 2 50m | 1min
PADARIA ANTES DA AULA, PAROU NA PADARIA, QUE É GERIDA POR ESTUDANTES
- 3 500m | 7min
CEF DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS AULA INTERDISCIPLINAR DE ÉTICA
- 4 1,1km | 14min
LABCIDADE FOI A UMA AULA DE URBANISMO PARA CONHECER O CURSO
- 5
BOSQUE DO ESTÁDIO ENCONTROU UM AMIGO QUE ESTAVA NO ESTÁDIO E FICOU PARA ASSISTIR UMA PARTIDA



ROBSON
22, mora em Areias
CICLO 2

- 1 422m | 6min
AVENIDA UNIVERSITÁRIA CHEGOU DE ÔNIBUS, USANDO A LINHA DIRETA ENTRE O TRABALHO DELE (BARREIROS) E A CIDADE UNIVERSITÁRIA
- 2 190m | 3min
RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO ATRAVESSOU O PARQUE LINEAR CENTRAL
- 3 547m | 8min
MIDIATECA FOI EMPRESTAR UM LIVRO E DEVOLVER ALGUMAS FOTOS DO ACERVO.
- 4 170m | 3min
LABCIDADE AULA DE URBANISMO VOLTADA A MATRICULADOS EM ARQUITETURA E URBANISMO, MAS INTERDISCIPLINAR
- 5
BAR LOCALIZADO NA BORDA DO CAMPUS, TENDO ABERTO DEVIDO A DEMANDA DA CIDADE UNIVERSITÁRIA

5. PROPOSTA

5.10. INTEGRAÇÃO

Após a aplicação da proposta, a integração com a cidade se dará, ao mesmo tempo, na centralização no campus de diversas atividades - de serviços a atrações turísticas - e consolidaria o campus, que desta forma se tornaria um limitador do crescimento desordenado para dentro daquela área.

Ruas que passam entre as Áreas de Preservação receberão passagens de fauna para conectar as áreas.



A região dos loteamentos de Forquilhas fica a menos de quinze minutos, a pé, do campus. A ciclovia poderia ser estendida até eles.

O campus ficará diretamente conectado ao bairro Potecas, mudando o caráter atual do bairro e adicionando novas atrações e serviços.

A nova Docilício Luz e a Avenida Universitária permitem novas conexões entre norte e sul e leste e oeste.

As rotas de ônibus da região passarão a ser circulares com o campus, onde poderá ser tomada outra linha, direta ou não, para as outras centralidades e terminais da cidade.

Apesar de ligada a rede municipal de São José, a USJ será um equipamento público para atender toda a Região Metropolitana, e essa rede de mobilidade ajuda a trazer as pessoas de outras partes da cidade e municípios vizinhos.

Na atualidade, praticamente todas as linhas de Forquilhas e Potecas seguem por Forquilha. Os ônibus que ligam o campus a outras partes da cidade podem ir por rotas distintas pelo norte, sul ou dentro dos bairros. Seria possível chegar ao Estreito, por exemplo, sem precisar ir ao Centro antes, como ocorre hoje.

O campus terá uma estimativa de 40 mil estudantes, baseada nos números e cursos atuais da UFSC, com 30 mil nos dois primeiros ciclos. Também baseado na proporção da UFSC, seriam esperados mais de 9 mil servidores, e destes, 3 mil seriam professores.

A população residente da cidade universitária foi estimada em 10 a 15 mil moradores. Considerando a proporção brasileira de 1/4 de baixa renda, estima-se que 10 mil estudantes estejam nessa faixa, e considerando que parte deles pode não desejar morar no campus por outros fatores, são estimados de 7 a 8 mil acadêmicos que teriam acesso gratuito a moradia na cidade universitária.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar de; COUTINHO, Denise. Nova arquitetura curricular na universidade Brasileira. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 63, n. 1, p. 4-5, Jan. 2011. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 Out. 2020.

ARANTES, José Tadeu. Livro investiga os três modelos mais influentes de educação superior. Agência FAPESP, [s. l.], 23 jan. 2020. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/livro-investiga-os-tres-modelos-mais-influentes-de-educacao-superior/27840/>. Acesso em: 4 out. 2019.

ASTBURY, Jon. Yan'an University Campus evokes the city's ancient stone cave dwellings. *Dezeen*, 8 nov. 2019. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2019/11/08/yanan-university-campus-china-architecture-thad/>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BACEVICE, Peter; DUNKLEY, Bennet. Design Urban Campuses to Engage with the Community. *BUILDINGS.com*, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.buildings.com/news/industry-news/articleid/21658/title/urban-campuses-community>. Acesso em: 30 nov. 2019.

BAPTISTA, Márcio Benedito; NASCIMENTO, Nilo de Oliveira; BARAUD, Sylvie. *Técnicas Compensatórias em Drenagem Urbana*. Porto Alegre: ABRH, 2005. 321 p.

BARRÍA, Natalia Barrientos. Jeff Speck: A cidade caminhável. In: *ArchDaily Brasil*. 7 ago. 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/625219/jeff-speck-a-cidade-caminhavel>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Dispõe que, o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, DF, 15 abr. 1931. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D19851.htm. Acesso em: 6 dez. 2019.

BRASIL. Decreto nº 9235, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. *Diário*

Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 18 dez. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm#art107. Acesso em: 6 dez. 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 6 dez. 2019.

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 maio 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12651.htm. Acesso em: 18 nov. 2019.

BRASIL. Ministério das Cidades; Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT. *Mapeamento de Riscos em Encostas e Margem de Rios*. Brasília: Ministério das Cidades; Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT, 2007. 176 p.

BOIJINK, Annie Lise Pereira. Módulo de habitação estudantil: estudo para implantação em Florianópolis. Orientador: Maristela Moraes de Almeida. 2018. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217114?show=full>. Acesso em: 31 out. 2020.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. O território da universidade brasileira: o modelo de câmpus. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 67, p. 809-831, Dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000400809&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 3 nov. 2019

CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *Villanueva e a cidade dos objetos*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 190.04, Vitruvius, mar. 2016. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.190/5992>. Acesso em: 4 nov. 2019

CHRISTIAANSE, Kees. Campus to City: Urban Design for Universities. *Innovation Area Development Partnership*, 1 abr. 2018. Disponível em: <https://iadp.co/2018/01/04/campus-to-city-urban-design-for-universities-2/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

CORREDORES Ecológicos. In: Prefeitura de Campinas. [S. l.], 2016. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/meio-ambiente/corredores-ecologicos.php>. Acesso em: 7 dez. 2020.

CURSOS de Graduação. In: Universidade Federal do ABC. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://prograd.ufabc.edu.br/cursos>. Acesso em: 10 dez. 2020.

COSTA, Rainer Marinho da. Processo de Bolonha, bacharelado interdisciplinar e algumas implicações para o ensino superior privado no Brasil. *Revista Ensino Superior*, [s. l.], 25 jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/processo-de-bolonha-bacharelado-interdisciplinar-e-algumas-implicacoes-para-o-ensino-superior-privado-no-brasil>. Acesso em: 30 set. 2020.

E-MEC: Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior. 2020. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br>. Acesso em: 16 set. 2019

ESTRUTURA UFSC. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://estrutura.ufsc.br/>. Acesso em: 3 mar. 2020.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 28, p. 17-36, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 dez. 2020

GRADUAÇÃO. In: Universidade Federal do Sul da Bahia. [S. l.], 20 ago. 2018. Disponível em: <https://ufsb.edu.br/ensino/graduacao>. Acesso em: 17 set. 2020.

GAETE, Constanza Martínez. 5 fatores que tornam os bairros caminháveis. 18 Dez 2016. *ArchDaily Brasil*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/801403/5-fatores-que-tornam-os-bairros-caminháveis>. Acesso em: 20 Dez. 2019

GUERRA, Maria Eliza Alves. Integração urbana de campus universitário: um desafio para o planejamento e desenho urbano. *Caderno de resumos III ENANPARQ*. São Paulo/SP: MACKENZIE & PUC Campinas, 2014. p. 247-247. Trabalho apresentado no III ENANPARQ - arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva, 2014, São Paulo/SP.

GUIA dos cursos de graduação. In: Estrutura UFSC. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://estrutura.ufsc.br/guia-dos-cursos>

6. REFERÊNCIAS

-da-graduacao/. Acesso em: 3 mar. 2020.

GUTIERREZ, Adriana Idalina Rojas; RAMOS, Ivanete Carpes. Drenagem urbana sustentável para a concretização de metas de ODS/ONU. 04 Jul 2019. In: ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/920314/drenagem-urbana-sustentavel-para-a-concretizacao-de-metas-de-ods-ONU>. Acesso em: 7 jan. 2020.

GOMES, Karina. O modelo de diferenciação do sistema de ensino alemão. Deutsche Welle, 7 dez. 2018. Disponível em: <https://p.dw.com/p/39fZI>. Acesso em: 27 dez. 2019.

GT-CADASTRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA/FEESC. Projeto de Revisão do Plano Diretor de São José – SC. Leitura da Cidade de São José - SC (Tendências e Potenciais), Florianópolis, Abril 2004. Disponível em: https://urbanidades.arq.br/docs/pdsj/leitura_da_cidade.pdf. Acesso em: 6 ago. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). São José. IBGE | Cidades, [2019]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-jose/panorama>. Acesso em: 12 fev. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). O recorte das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias de 2017, [S. l.], 2017. Disponível em: https://ia600603.us.archive.org/2/items/RegiesGeogrrficasBrasil2017/Regi%C3%B5es%20geogr%C3%A1ficas_Brasil%202017.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

MACIEL, Carlos Alberto; MALARD, Maria Lúcia. Territórios da universidade: permanências e transformações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MAZONI, Ítalo; CUSTÓDIO, Lélia; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. O bacharelado interdisciplinar da Universidade Federal da Bahia: o que dizem os estudantes. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha, org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 229-248. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/n656x>. Acesso em: 13 out. 2020.

MORRIS, Lacy. The 9 Best New University Buildings Around the World. Architectural Digest, 21 fev. 2017. Disponível em: <https://www.architecturaldigest.com/story/the-9-best-new-university-buildings-around-the-world>. Acesso em: 26 dez. 2019.

NETO, Edgardo Moreira. O campus universitário como espaço público aberto para a cidade. ArchDaily Brasil, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/915823/o-campus-universitario-como-espaco-publico-aberto-para-a-cidade>. Aces-

so em: 25 out. 2019.

RAMIRO, Luiz. Mudança nas estruturas das universidades federais. Amálgama, [s. l.], 17 jul. 2019. Disponível em: <https://www.revistaamalgama.com.br/07/2019/mudanca-nas-estruturas-das-universidades-federais/>. Acesso em: 30 set. 2020.

SANTA CATARINA. Lei Complementar nº 495, de 26 de janeiro de 2010. Institui as Regiões Metropolitanas de Florianópolis, do Vale do Itajaí, do Norte/Nordeste Catarinense, de Lages, da Foz do Rio Itajaí, Carbonífera e de Tubarão. Florianópolis, 26 jan. 2010. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/sc/lei-complementar-n-495-2010-santa-catarina-institui-as-regioes-metropolitanas-de-florianopolis-do-vale-do-itajai-do-norte-nordeste-catarinense-de-lages-da-foz-do-rio-itajai-carbonifera-e-de-tubarao>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SABOYA, Renato T. de. Fatores morfológicos da vitalidade urbana – Parte 1: Densidade de usos e pessoas / Renato T. de Saboya. In: ArchDaily Brasil. 18 nov. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798436/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-1-densidade-de-usos-e-pessoas-renato-t-de-saboya>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SABOYA, Renato T. de. O conceito de Urbanidade. In: Urbanidades. [S. l.], 25 set. 2011. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2011/09/25/o-conceito-de-urbanidade/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SÁNCHEZ SILVA, Isabel. Villanueva. Modernidade e trópico. Arquitectos, São Paulo, ano 04, n. 043.01, Vitruvius, dez. 2003 Disponível em <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/04.043/624/pt>.

SEGAWA, Hugo. Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936 - 1962. Revista de Urbanismo e Arquitetura, Salvador, BA, v. 5, n. 1, 1999.

SIMÕES, M. L. O Surgimento das Universidades no Mundo e Sua Importância para o Contexto da Formação Docente. Revista Temas em Educação, v. 22, n. 2, p. 136-152, 30 dez. 2013. Acesso em: 29 nov. 2019

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA JR., Eduardo; PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; SILVA, Robson Bonifácio da. O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as “cidades-dormitório” no Brasil. Caderno Metrôpole, São Paulo, ano 26, v. 12, n. 1344, ed. 24, p. 395-415, 2010.

PACHECO, Priscila. Cidade compacta, cidade dispersa: entenda

o que é a forma urbana. 09 Fev 2018. ArchDaily Brasil. Acessado 11 Fev 2020. <<https://www.archdaily.com.br/br/888612/cidade-compacta-cidade-dispersa-entenda-o-que-e-a-forma-urbana>> ISSN 0719-8906

PAULA, Maria de Fátima Costa de. USP e UFRJ: a influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. Tempo soc., São Paulo, v. 14, n. 2, p. 147-161, Oct. 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702002000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2019

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. Exporting progress: os norte-americanos e o planejamento do campus no Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2017. Acesso em: 29 nov. 2019

PINTO, Gelson de Almeida; BUFFA, Ester. Arquitetura e Educação - Câmpus Universitários Brasileiros. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 151 p. ISBN 978-8576001782.

SÃO JOSÉ. Lei nº 4279, de 26 de abril de 2005. Cria o Centro Universitário Municipal de São José e dá outras providências. São José, 26 abr. 2005. Disponível em: <https://cm-sao-jose.jusbrasil.com.br/legislacao/738048/lei-4279-05>. Acesso em: 3 dez. 2019.

SÃO JOSÉ. Lei nº 4749, de 16 de março de 2009. Ficam suspensas temporariamente as concessões de licenças para construção, instalação e implantação de empreendimentos imobiliários, comerciais e industriais na bacia inundável do rio Forquilhas e dá outras providências. São José, 16 mar. 2009. Disponível em: <https://www.cmsj.sc.gov.br/camara/proposicao/Leis-ordinarias/2009/6/0/29343>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SÃO JOSÉ. Lei nº 5387, de 30 de setembro de 2013. Revoga-se a Lei Municipal Nº. 4.749/2009 de 16 de Março do Ano de 2009. São José, 30 set. 2013. Disponível em: <https://www.cmsj.sc.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/2014/1/0/30287>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SOUZA, André dos Santos Baldráia. Presos no círculo, prostrados no asfalto: tensões entre o móvel e o imóvel. 2013. 308 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TEIXEIRA, Anísio. A universidade de ontem e de hoje. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.42, n.95, jul./set. 1964. p.27-47.

TEPERDGIAN, Maria Fernanda. Entenda o que são bacharelados

interdisciplinares. Guia do Estudante, [s. l.], 17 maio 2017. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/entenda-o-que-sao-bacharelados-interdisciplinares/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (Brasil). Centro de Filosofia e Ciências Humanas; MINISTÉRIO DAS CIDADES (Brasil). Carta Geotécnica de Aptidão à Urbanização Frente aos Desastres Naturais. [S. l.], 2019. Disponível em: [http://mapgeo.cfh.ufsc.br/SILVEIRA, Zuleide Simas da; BIANCHETTI, Lucídio. Universidade moderna: dos interesses do Estado-nação às conveniências do mercado. Revista Brasileira de Educação , \[s. l.\], ano 2016, v. 21, ed. 64, p. 79-99, mar 2019. Disponível em: \[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000100079&lng=pt&nrm=iso\]\(http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000100079&lng=pt&nrm=iso\). Acesso em: 16 set. 2020.](http://mapgeo.cfh.ufsc.br/SILVEIRA,Zuleide%20Simas%20da;BIANCHETTI,Luc%C3%ADdio.Universidade%20moderna:%20dos%20interesses%20do%20Estado-na%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0s%20conveni%C3%94ncias%20do%20mercado.Revista%20Brasileira%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o,%20[s.l.],ano%202016,v.%2021,ed.%2064,p.%2079-99,mar%202019.Dispon%C3%ADvel%20em:%20http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000100079&lng=pt&nrm=iso)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Departamento de Gestão da Informação – DPGI/SEPLAN. Informativo. UFSC em números - 2010 A 2019, Florianópolis, 2020. Disponível em: <http://dpgi.seplan.ufsc.br/files/2020/09/UFSC-EM-N%C3%9AMEROS.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA. Plano Orientador, Itabuna/Porto Seguro/Teixeira de Freitas, 2014. Disponível em: <http://ufsb.edu.br/wp-content/uploads/2015/05/Plano-Orientador-UFSB-Final1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Entrevista no Boletim da Universidade: O campus ainda é uma ilha de sossego. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1380/quinta.shtml>. Acesso em 24 jul. 2019
USJ - Centro Universitário Municipal de São José., 2020. Disponível em: <https://usj.edu.br>. Acesso em: 14 dez 2020.

VERA, Margaux Hildebrandt; SILVEIRA, Márcio Rogério. Expansão imobiliária e problemas de mobilidade: o caso da área conurbada de Florianópolis. Revista dos Transportes Públicos - ANTP, São Paulo, ano 42, n. 153, ed. 3º Quadrimestre, p. 27-47, 2019. Disponível em: <http://files.antp.org.br/2019/12/18/rtp153-e.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.

WALSH, Niall. Como as cidades estão usando a arquitetura para combater inundações. 19 Jan 2020. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/931856/como-as-cidades-estao-usando-a-arquitetura-para-combater-inundacoes> Acesso em: 10 Fev 2020.



